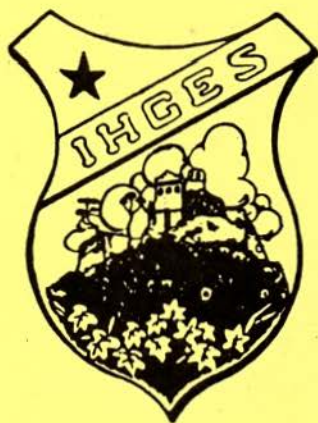


REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO
ESPÍRITO SANTO



VITÓRIA
Estado do Espírito Santo

ANO 1994

Nº 44

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO
ESPÍRITO SANTO



VITÓRIA
Estado do Espírito Santo

ANO 1994

Nº 44

Índice

Apresentação	07
Prefeitos de Vitória	09
Quando fui Prefeito - Adelpho Poli Monjardim	13
Vitória, quem te viu - Aylton Rocha Bermudes... ..	17
UFES: 40 Anos - Francisco Aurélio Ribeiro	21
Influência alemã em Vitória - Francisco Schwarz.....	25
Declaração de amor a Vitória - José Garajau da Silva.....	29
Maçonaria em Vitória - José Higino Oliveira - Taneco	31
Colégio Americano Batista de Vitória - José Paulo de S. Filho .	35
O novo arrabalde - Luiz Guilherme Santos Neves	41
A Rua Duque de Caxias - Miguel Depes Tallon	47
O Palácio Anchieta - Neida Lúcia Moraes	49
A Antiga Escola Normal Pedro II - Ormando de Moraes	53
Vitória - alguns dados demográficos - Paulo Stuck Moraes	55
A ilha que sonha ser continente - Renato Pacheco	65
O clima de Vitória - Ricardo Brunow Costa	67

Torta Capixaba: uma tradição secular - Yvonne Amorim	75
Logradouros Antigos de Vitória - Elmo Elton	87
Praça Oito de Setembro	89
Escadaria Maria Ortiz	94
Rua Duque de Caxias	96
Avenida Florentino Avidos	99
Praça Misael Pena	100
Praça Costa Pereira	102
Rua Sete de Setembro	104
Avenida Jerônimo Monteiro	106
 A poesia é necessária	
Vitória - Alvimar Silva	111
Pássaro preso à ilha - Carlos Chenier	113
Vitória - Celso Bomfim	115
No Moscoso, ao luar - Ciro Vieira da Cunha	117
Meu berço querido - Elmo Elton	119
Vitória - Paulo Freitas	121
Procissão de São Benedito - Roberto Almada	123
Cidade de Vitória - Solimar de Oliveira	125
Eu vim me despedir - Virgínia Tamanini	127

Apresentação

Vitória foi o primeiro município do Estado a celebrar convênio com o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

De acordo com a lei nº 3748, sancionada pelo então Prefeito Vitor Buaiz em 26 de setembro de 1991 e convênio firmado no mesmo ano, o Instituto assumiu o compromisso de colaborar com a política cultural do Município, assessorando sua administração em assuntos de história e geografia, em especial no que diz respeito à questão da Ilha da Trindade.

Tanto na administração de Vitor Buaiz e de seu vice Rogério Medeiros, que tinha Vera Viana como Secretária da Cultura, quanto na do atual Prefeito Paulo Hartung e de seu Secretário Jorge Alencar, a Prefeitura vem cumprindo sua parte, o que representa importante contribuição para nosso funcionamento.

Além de estar também cumprindo suas obrigações, o Instituto, como reconhecimento pela contribuição financeira que lhe é prestada, resolveu dedicar ao Município de Vitória a edição deste ano de sua Revista.

Setembro de 1994

A Diretoria

Prefeitos de Vitória

- 01 - Ceciliano Abel de Almeida (Engenheiro) - 09/02/1909 a 01/09/1909
- 02 - José Bernardino Alves Júnior (Bacharel em Direito) - 01/09/1909 a 25/02/1910
- 03 - Antônio Francisco Athayde (Engenheiro) - 09/07/1910 a 13/07/1910
- 04 - Cassiano Cardoso Castelo (Advogado) - 13/07/1910 a 04/11/1911
- 05 - Wlademiro Fradesco da Silveira (Farmacêutico) - 04/11/1911 a 20/01/1913
- 06 - Washington T. de Vasconcelos Pessôa (Bacharel em Direito) - 20/01/1913 a 19/11/1913
- 07 - Euclides Camargo (Agrimensor Prático) - 11/11/1913 a 03/04/1914
- 08 - Washington T. de Vasconcelos Pessôa - 03/04/1914 a 24/05/1916
- 09 - Henrique de Novaes (Engenheiro) - 24/05/1916 a 05/01/1920
- 10 - Euclides Camargo - 05/01/1920 a 16/06/1920
- 11 - José de Souza Monteiro (Engenheiro) - 16/06/1920 a 30/08/1920
- 12 - Antônio Pereira Lima (Advogado) - 30/08/1920 a 23/05/1924

- 13 - Otávio Índio do Brasil Peixoto (Comerciante) - 23/05/1924 a 23/05/1928
- 14 - Moacir Monteiro Avidos (Engenheiro) - 23/05/1928 a 17/10/1930
- 15 - Asdrubal Martins Soares (Engenheiro) - 18/10/1930 a 02/03/1933
- 16 - Laerte Rangel Brígido (Engenheiro) - 20/03/1933 a 29/03/1933
- 17 - Augusto Seabra Muniz (Engenheiro) - 29/03/1933 a 13/04/1935
- 18 - Álvaro Sarlo (Engenheiro) - 22/04/1935 a 04/07/1936
- 19 - Paulino Muller (Médico) - 04/07/1936 a 29/11/1937
- 20 - Américo Poli Monjardim (Médico) - 02/12/1937 a 04/09/1944
- 21 - Henrique de Novaes (Engenheiro) - 22/01/1945 a 12/11/1945
- 22 - Danton Bastos (Desembargador) - 12/11/1945 a 02/03/1946
- 23 - Nelson Goulart Monteiro (Bacharel em Direito) - 02/03/1946 a 07/10/1946
- 24 - Américo Poli Monjardim - 09/10/1946 a 15/03/1947
- 25 - Ceciliano Abel de Almeida - 01/04/1947 a 12/10/1948
- 26 - Álvaro de Castro Mattos (Tabelião) - 12/10/1948 a 07/04/1951
- 27 - José Ribeiro Martins (Engenheiro) - 07/04/1951 a 05/05/1953
- 28 - Armando Duarte Rabelo (Bacharel em Direito) - 05/05/1953 a 22/01/1955
- 29 - Serynes Pereira Franco (Médico) - 10/02/1955 a 22/12/1955
- 30 - Adelpho Poli Monjardim (Escritor e Historiador) - 22/12/1955 a 09/06/1957
- 31 - Mário Gurgel (Bacharel em Direito) - 10/06/1957 a 02/08/1958

- 32 - Osvaldo Cruz Guimarães (Comerciante) - 02/08/1958 a 30/01/1959
- 33 - Adelpho Poli Monjardim - 31/01/1959 a 31/01/1963
- 34 - Solon Borges (Bacharel em Direito) - 31/01/1963 a 12/08/1966
- 35 - Jair Andrade (Médico) - 13/08/1966 a 31/01/1967
- 36 - Setembrino Idwaldo Netto Pelissari (Advogado) - 02/02/1967 a 02/04/1970
- 37 - Jair Cruz do Nascimento (Bacharel em Direito) - 02/04/1970 a 15/04/1970
- 38 - Décio da Silva Thevenard (Engenheiro) - 16/04/1970 a 15/03/1971
- 39 - Luiz Carlos Peixoto (Bacharel em Direito) - 15/03/1971 a 04/04/1971
- 40 - Chrisógono Teixeira da Cruz (Engenheiro) - 05/04/1971 a 13/03/1975
- 41 - Lucio Toscano Aragon (Economista) - 14/03/1975 a 03/04/1975
- 42 - Setembrino Idwaldo Netto Pelissari - 04/04/1975 a 28/06/1978
- 43 - Cel. Carlos Moacyr Monjardim (Militar) - 22/06/1978 a 28/06/1978
- 44 - Wander José Bassini (Bacharel em Direito) - 28/06/1978 a 15/03/1979
- 45 - Cel. Wlamir Coelho da Silva (Militar) - 15/03/1979 a 22/03/1979
- 46 - Carlos Alberto Lindenberg Von Shilgen (Médico) - 22/03/1979 a 14/05/1982
- 47 - Wallace Vieira Borges (Bacharel) - 14/05/1982 a 03/07/1982
- 48 - Rudy Maurer (Bancário) - 03/07/1982 a 12/03/1983
- 49 - Cel. Wlamir Coelho da Silva - 12/03/1983 a 17/03/1983

- 50 - Victor de Souza Martins (Jornalista) - 17/03/1983 a 24/03/1983
- 51 - Ferdinand Berredo de Menezes (Advogado) - 24/03/1983 a 27/03/1984
- 52 - Cel. Moacyr Cypreste (Militar) - 27/03/1984 a 02/05/1984
- 53 - Ferdinand Berredo de Menezes - 02/05/1984 a 06/07/1985
- 54 - Estanislau Kostka Stein (Economista) - 12 dias
- 55 - José Moraes (Médico) - 23/07/1985 a 31/12/1985
- 56 - Hermes Leoneo Laranja Gonçalves (Economista) - 01/01/1986 a 31/12/1988
- 57 - Vitor Buaiz (Médico) - 01/01/1989 a 31/12/1992

O atual Prefeito de Vitória é Paulo César Hartung Gomes, mais conhecido como Paulo Hartung, nascido em Guaçuí, neste Estado, em 21 de abril de 1957, filho de Paulo Pereira Gomes e Lilia Aparecida Hartung Gomes e há muito tempo radicado nesta Capital. Casado com Cristina Soares Gomes, com quem tem os filhos Gabriel e Julia. É economista diplomado pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Filiado inicialmente ao PMDB, foi deputado estadual de 1983 a 1991 e deputado federal, pelo PSDB, de 1991 a 1992. Pelo mesmo partido elegeu-se Prefeito de nossa Capital, assumiu em 1º de janeiro de 1993 e tem mandato até 31 de dezembro de 1996.

Quando fui Prefeito

Adelpho Poli Monjardim *

Em 22 de janeiro de 1937, ingressei na Prefeitura Municipal de Vitória como Tesoureiro, cargo de confiança e provimento efetivo, e quando Prefeito o Dr. Ceciliano Abel de Almeida, tive a oportunidade de ocupar várias Diretorias, exceto Engenharia e Procuradoria.

Em uma tarde de dezembro de 1955, fui procurado, na Tesouraria, pelos Vereadores Beraldo Madeira da Silva e Setembrino Pelissari que me levaram ao campo do Rio Branco F.C. onde se encontrava o Governador Dr. Francisco Lacerda de Aguiar, que, sem me ouvir, nomeara-me Prefeito de Vitória, cargo que eu recusara aceitar quando Governador Jones dos Santos Neves.

A Prefeitura de então era paupérrima, situação que me acompanhou até janeiro de 1963, término do meu mandato. A minha verba para obras era de vinte e cinco milhões, quantia que eu não consegui gastá-la toda em minhas obras, pois quando quebrava qualquer uma das outras verbas corriam para a minha, o que não sucede hoje.

Animava-me o desejo de servir à minha cidade sem intenção de dedicar-me à política, o sonho de muitos. Logo no meu primeiro dia de exercício surpreendeu-me um dilúvio na Jerônimo Monteiro quando tive a oportunidade de observar uma das razões das enchentes da Capital: o lixo que jogavam nas ruas. Lá vinha um jornal, uma caixa de sapatos e outras coisas que entupiam os bueiros, facilitando a enchente.

O meu primeiro cuidado foi ordenar a limpeza de todos os bueiros, totalmente entupidos. Esta prática tornou-se rotina. Desde então as enchentes só sucediam com as chuvas torrenciais e as marés grandes, pois como é sabido Vitória está apenas a dois metros acima do mar. Mais poderoso, o mar invade a tubulação e impõe a sua vontade.

** Escritor, historiador, prefeito de Vitória por duas vezes e Presidente de Honra do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.*

Cuidei dotar Vitória de bons drenos e assim procedi todos os recantos da Cidade. Em Santa Lúcia, nas grandes chuvas as águas invadiam as casas, inundando-as avassaladoramente. Ordenei a construção de alta e espaçosa galeria, feita de pedra e cimento, que foi até à beira-mar e largo trecho da Av. Nossa Senhora da Penha, de extensão quilométrica. Todos os bairros mereceram a minha atenção. A galeria de águas pluviais do Morro da Piedade, a mais antiga, também mereceu os meus cuidados. Ela ia até a Rua Barão de Itapemirim onde esbarrava com a Av. Capixaba, quando se represavam as águas, tornando-a inútil.

O crescimento de Vitória assim a condenava. Naquele tempo não existia a Av. Capixaba e muito menos a Esplanada. O mar era o limite da Barão de Itapemirim. Ordenei então o prolongamento da galeria até o mar. Hoje que Vitória é rica as novas galerias devem ser feitas com pedras e cimento. Os tubulões de cimento, com o tempo e o trânsito pesado, se deslocam, com o que se inutilizam.

Quanto as escadarias, ordenei a construção de muitas, mas só falarei das principais: bela e suntuosa escadaria liga a Ladeira São Bento à Rua Alziro Viana, a Acir Guimarães, na Rua Graciano Neves, a Ilmade Deus, na Rua Barão de Monjardim, a Aristóteles Santos, na Rua Afonso Braz, ligando-a Rua Santa Clara, a escadaria de acesso à Praça da Catedral. Na Fonte Grande foram feitas três escadarias em forma de lique. Para atender aos moradores da Cota 45, foi instalada possante bomba para levar a água até lá.

O Suá, até então, era bairro esquecido. Há mais de meio século nada ali fora feito. Durante a minha administração todas as suas ruas foram calçadas. A Avenida César Hilal, construída no meu tempo, fora a sua redenção. Hoje Suá é bairro nobre e progressista, um dos melhores da Capital.

Várias Avenidas foram abertas em Vitória, tais como: a César Hilal, Princesa Isabel, Alexandre Buaiz, na Ilha do Príncipe. A Avenida Maruípe, então descalça, foi calçada a paralelepípedos até o Quartel da Polícia, quando terminou o meu mandato.

O valão da Av. Paulino Müller foi todo capeado, grande benefício para o bairro. Era propósito meu levá-lo a Fradinhos. A iluminação moderna, o asfalto, o calçamento a cimento armado são melhoramentos do meu tempo. O arranha-céu é também coisa minha, e eu explico: se há no mundo lugar onde o arranha-céu é imposição do meio esse lugar é Vitória, imprensada entre o mar e a montanha. Se Vitória tem a população de hoje, deve ao arranha-céu, sinal de importância e riqueza. Que seria Copacabana sem os arranha-céus?

A Praia Comprida calcei-a com solo-cimento, que, infelizmente não recebeu os cuidados que merecia, o mesmo sucedendo com o jardim da Praça Costa Pereira, a mais iluminada do Brasil. Fui Prefeito do povo há trinta anos passados mas sinto que não fui esquecido.

Dotei Vitória de muitas e importantes obras. Perdi a conta das ruas que calcei e de algumas que abri, porém, de todas as obras a que julgo mais importante foi ter equiparado os vencimentos dos aposentados aos dos funcionários, ativos, no mesmo cargo. Isto foi em 1956. A Prefeitura de Vitória foi a pioneira no Brasil nesta iniciativa.

De há muito afastado da vida pública, é justo ter esquecido alguns dos trabalhos que executei. Quando Prefeito nomeado fui estreitamente assediado pelos que desejavam o meu lugar. De bom grado o cederia, infenso que era à política. Jamais engoli sapo seco, no dizer do vulgo. Por duas vezes fui ao Palácio entregar o cargo ao Governador. Finalmente eu mesmo me exonerei, dando motivo a uma manifestação pública na Praça Oito.

Por capricho e por demonstrar que eu, a criatura, voltara-se contra o criador, no caso o Governador. Jamais vi eleição tão movimentada. Um dos candidatos, éramos cinco, inscreveu-se com todos os títulos, temendo qualquer engano: o nome com todas as letras, assim como o apelido. Aproveitei-me para ironizar:

Quincas com K ou com que,
Gritam aqui gritam acolá,
E é só o que se vê,
Candidata-se com K,
Para eleger-se com Q?

E foi o que se viu. Gastei apenas sete mil cruzeiros para os meus títulos. E coisa inédita, não perdi em nenhuma urna.

Vitória, quem te viu...

Aylton Rocha Bermudes *

Os primeiros habitantes e cronistas se encantaram com o sítio em que, no ano de 1550, se fundou a vila de Vitória. Vasconcelos, citado por José Teixeira de Oliveira, assim fixou a sua admiração: "Está esta vila (Vitória) em lugar defensável e cômodo para a vida humana: cercado de água, armado de penedia, horrível por natureza, habitável por arte: junto ao rio, perto da barra, senhor de pescarias e mariscos sem número. Seus arredores são terra fértil, capaz de grandes canaviais e engenhos: seus campos amenos, retalhados de rios e fontes: suas matas recendem, são delícia dos cheiros, bálsamos, copaibas, almécegas, sassafrases..." (História do Estado do Espírito Santo, 2 ed. p. 63, nota 15). Apesar dos benefícios com que a dotou a natureza e do empenho de seus habitantes em fazê-la progredir, construindo boas casas, algumas até com "dois andares, janelas de vidros e lindas varandas trabalhadas", como observou Saint Hilaire, em 1818, a omissão, a negligência e o descaso do governo central, que vinham desde os tempos da colonização, não permitiram o progresso e a modernização da capital, cujo atraso e aspectos negativos o Presidente Moniz Freire acentuou em mensagem ao Congresso Legislativo, no seu primeiro governo (1892-1896): "Cidade velha e pessimamente construída, sem alinhamentos, sem esgotos, sem arquitetura, seguindo os caprichos do terreno, apertada entre a baía e um grupo de montanhas; não tendo campo para desenvolver-se sem a dependência de grandes despesas; mal abastecida de água; com um serviço de iluminação a gás duplamente arruinado, pelo estado material e pela situação de sua empresa; carecedora de um fornecimento regular de carnes verdes; sem edifícios notáveis; repartições e serviços públicos mal acomodados à falta de prédios; sem teatro, sem um Passeio Público, sem hospitais, sem um

* Advogado e professor

serviço de limpeza bem organizado, sem um matadouro decente; desprovida de toda defesa sanitária; necessitando construir novos cemitérios, devido à irrevogável condenação dos atuais..." (Apud Logradouros Antigos de Vitória, de Elmo Elton, p. 13).

O grande e exímio administrador que foi Jerônimo Monteiro (que pena que não tivesse governado o Brasil!) inaugurou um período de autêntico desenvolvimento de Vitória e do Estado com admiráveis realizações (1908/1912), continuado, doze anos mais tarde, pelo Presidente Florentino Avidos (1924/1928).

A **cidade-presépio**, como Vitória ficou sendo conhecida, passou, depois, por uma fase de hibernação, sem os melhoramentos e o progresso de outras capitais e mesmo de cidades de igual porte. Lembro-me de que, nos idos de 1945 a 1960, Cachoeiro de Itapemirim, onde eu morava, se orgulhava de possuir uma atividade comercial, social e cultural semelhante à de Vitória, e seus habitantes tinham o Rio de Janeiro, que distava apenas uma viagem de trem noturno, como o seu ponto de convergência para compras, lazer e centro de influência social e cultural. A Vitória vinha-se para tratar de negócios na administração estadual. A vida da Capital, cidade predominantemente de funcionários, se arrastava monótona, sem atrativos, típica do interior. Mas Vitória tinha todas as potencialidades para se tornar a metrópole vibrante que é hoje: sua situação geográfica, seus aspectos paisagísticos, o privilégio de sua feliz localização de surpreendentes e caprichosos contornos entre terra e mar, ilhas e montanhas, premiada com um clima agradável, e sua posição privilegiada à meia distância entre os extremos do país, sua gente ativa, de trato ameno, que, no aspecto físico e moral, talvez possa ser apresentada como a síntese do caldeamento das raças que povoaram o Brasil.

Nos últimos vinte anos, Vitória se tornou uma grande cidade, bela e dinâmica com o impulso que ajudaram a dar-lhe, entre outras, empresas como a Vale do Rio Doce, a Companhia Siderúrgica de Tubarão, a Ferro e Aço, e as obras aqui realizadas pela administração pública em seus três níveis. Para esta feição moderna, dilatando-lhe o panorama cultural, muito contribuiu a UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), pois que não existe progresso sem a influência da cultura.

Novas avenidas e ruas, extensos e lindos parques, como a Praça dos Namorados, novos bairros, como a Ilha do Boi e a Ilha do Frade, com suas esplêndidas mansões, e Camburi... A memória me devolve o terreno vazio, a vegetação rasteira, típica, o lugar isolado e a praia solitária, em marítimo sossego. Às vezes, um ou outro banhista e, à noite, em segura e aconchegante solidão, o idílio de um casal de namorados. Hoje, vinte anos

depois, um bairro ativamente povoado, com boas casas, edifícios, lojas, supermercados, vida própria, uma cidade e, à noite, bares e restaurantes borbulhantes de gente moça, a visão encantada das luzes profusas correndo pela areia e banhando-se no mar...

O progresso traz, aqui como em toda parte, o triste cortejo de problemas com que se defronta e se angustia a sociedade. Apesar disso, Vitória é ainda uma cidade humana, sem o tumulto amedrontador das megalópoles, onde se pode saborear em paz o dom da vida, usufruindo as suas belezas, à beira do mar que se oferece nos recortes aprazíveis de suas praias e à sombra dos morros que se obstinam em cobrir-se com uns restos de floresta.

UFES: 40 Anos

Francisco Aurélio Ribeiro *

A Universidade do Espírito Santo foi criada pela Lei 806 de 05/05/1965, sancionada pelo Governador Jones do Santos Neves, aglutinando os seguintes institutos universitários: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1951), Escola de Medicina, Faculdade de Odontologia (1947), a Escola de Química Industrial e Farmácia, a Escola Politécnica (1951), a Escola de Música (1952) e Escola de Belas Artes (1952), além dos institutos complementares: Santa Casa de Misericórdia (1545); Biblioteca Estadual (1885); Escola de Educação Física (1931); Museu Capixaba (1939); Escola de Auxiliares de Enfermagem (1953); Instituto de Tecnologia (1953); Hospital das Clínicas; Horto Florestal.

Foram estabelecidos os seguintes fins da Universidade (Art. 2º):

- a - promover condições propícias ao desenvolvimento da reflexão filosófica, da pesquisa científica e da produção literária e artística;
- b - assegurar pelo ensino, a comunicação dos conhecimentos que concorrem para o bem estar generalizado e para a elevação dos padrões de vida, da atividade e do pensamento;
- c - formar especialistas nos diversos ramos da cultura e técnicos altamente habilitados ao exercício das atividades profissionais de base científica ou artísticas;
- d - incentivar e prover os meios de progresso da cooperação nas atividades intelectuais;
- e - realizar a obra social da valorização da cultura.

* Escritor, professor e secretário de Produção e Difusão Cultural da UFES

Em 1961 ela foi federalizada pelo então Presidente da República Dr. Juscelino Kubitschek, pela Lei 3868, de 31/01/1961, passando a denominar-se Universidade Federal do Espírito Santo, com as seguintes Unidades: Faculdade de Direito; Escola Politécnica; Faculdade de Ciências Econômicas; Escola de Belas Artes; Faculdade de Odontologia; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Faculdade de Medicina e Escola de Educação Física.

Em 1994, a UFES completa 40 anos. Atualmente conta com 34 cursos de graduação, 10 cursos de pós-graduação stricto sensu, sendo 08 Mestrados e 02 Doutorados (Educação e Fisiologia Vascular), 12 cursos de pós-graduação lato sensu, 1010 professores, sendo 37% com Mestrado e 13% com Doutorado, 2165 funcionários técnico-administrativos e 9.000 alunos (dados est. de 1992). Já tendo formado cerca de 30 mil alunos, em seus 40 anos de existência, podemos responder à comunidade que nos pergunta: há motivos para comemorar? Há sim.

Apesar de termos perdido o bonde da História em alguns momentos, quando demoramos a democratizar-nos internamente para servirmos de exemplo à comunidade externa; quando estivemos muito presos às amarras do poder federal e não dividimos com a sociedade uma maior responsabilidade pela nossa sobrevivência; quando deixamos de investir mais arrojadamente na pesquisa e na melhoria de nossos serviços e equipamentos para a produção do conhecimento; quando nos clientelizamos, tornando-nos os próprios beneficiários dos serviços e benefícios que devíamos proporcionar à comunidade que nos sustenta; enfim, quando voltamos os olhos do mundo à nossa volta para nós mesmos, aí nós erramos e muito.

Hoje, a UFES quer recuperar o seu papel de ser um espaço de busca do conhecimento, transmissão de informação e formação para os milhares de jovens que nos procuram, todo ano, e que deveremos entregar à comunidade como profissionais competentes e cidadãos conscientes de que a justiça social precisa de ser aprendida, numa sociedade individualista e estratificada como a nossa, para ser praticada.

Nestes 40 anos, a UFES se massificou, como toda a educação brasileira. Não somos apenas avalistas da formação dos filhos dos ricos e burgueses, que procuram a Universidade para se tornar doutores e perpetuar um sistema de dominação existente desde o colonialismo. Somos, também, e principalmente, nos dias de hoje, a esperança de milhares de jovens da classe média e pobre que depende não só do ensino que lhes pudermos dar, para transformar suas realidades e melhorar a qualidade de vida de suas famílias, como da comida que lhes oferecemos no bandeirão,

dos livros que colocamos à sua disposição nas bibliotecas e das atividades culturais que pudermos lhes oferecer para ampliar seu universo de visão.

Hoje, a UFES sabe que necessita avaliar-se para sobreviver. Para isso, depende de que a comunidade lhe indique os seus próprios caminhos: para onde quer a comunidade que a UFES caminhe? Esta deverá ser a preocupação constante da Universidade, se quiser sobreviver.

A comunidade universitária, professores, funcionários e alunos, precisam cumprir seu papel. Os professores precisam se aperfeiçoar sempre, para não ficarem defasados em relação a um conhecimento que pretendem ensinar. A maioria o faz, mas alguns se conformam em ser os eternos repetidores de antigas lições, mal aprendidas no passado. E acomodam-se, justificando sua incompetência pelo baixo salário que recebem. Os funcionários, em sua maioria desestimulados pelo baixo salário, pouca qualificação e falta de incentivo profissional, acomodam-se na lentidão e na pouco eficiente burocracia administrativa. Os alunos, diante de tal quadro, fazem para passar de ano, ou nem isso. Certamente a sociedade do próximo milênio vai nos cobrar caro tudo isso. Quem sobreviver, verá.

Iniciamos, no dia 15/12, no Carlos Gomes, com um belíssimo Concerto da Orquestra de Câmara da UFES, o ano de comemoração dos 40 anos da UFES. Em todo ano, estaremos mostrando à comunidade um pouco do que somos capazes de fazer na área de cultura e das artes. O auge das festividades será em maio, mês de aniversário da UFES e em julho, com a realização, em Vitória, da reunião anual da SPBC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), de 17 a 23/07. Queremos dividir, com toda a comunidade capixaba, a responsabilidade e a alegria de estarmos sobrevivendo. Afinal, é ela que nos sustenta. E recordar o discurso do então governador Jones dos Santos Neves, que dedicou a criação da UFES à juventude.

Enquanto tivermos os olhos voltados para o jovem, o novo, e suas inquietações, apesar de todo o sofrimento que isso causar, não envelhecemos jamais. E poderemos comemorar como as Universidades de Salamanca, Bolonha, Oxford ou Coimbra, os 400, 700, 800, 1.000 anos, porque aprendemos com a comunidade o que teremos de ensinar.

Influência alemã em Vitória

Francisco Schwarz *

A influência alemã em Vitória teve início com a chegada dos primeiros imigrantes alemães, ocorrida em 1847. Aqui desembarcaram e foram alojados em Pedra d'água, para fins de regularização de documentos e para cumprirem a quarentena. Concluídas estas exigências, rumaram para a Colônia de Santa Izabel.

Em 1856 foi criada, pelo governo imperial, a Colônia de Santa Leopoldina. Já em 1857, chegaram os primeiros imigrantes suíços. Continuaram chegando imigrantes da Áustria, de Luxemburgo e de vários estados alemães, todos falando a língua alemã. Também vieram holandeses, alguns belgas, franceses e dinamarqueses. Desembarcaram em Vitória, e se alojaram também em Pedra d'água, para os mesmos fins. Concluída essa etapa, rumaram para a Colônia de Santa Leopoldina, através do rio Santa Maria da Vitória, sendo encaminhados para os lotes adrede demarcados. Esses lotes, em sua maioria, localizavam-se nos altiplanos da colônia. A região é detentora de um dos melhores climas do mundo. Esta afirmação foi feita pelo estudioso Ernesto Wagemann e consta do livro por ele escrito: **Die Deutschen Kolonisten in Brasilianischen State Espírito Santo**.

Quando da chegada dos imigrantes, Vitória tinha menos de 5.000 habitantes e a população do Estado não chegava aos 50.000. Hoje, decorridos mais de um século da chegada dos imigrantes, seus descendentes são os principais fornecedores de produtos hortifrutigranjeiros a Vitória e seus arredores, bem como enviam esses produtos para os estados vizinhos.

Em 15 de novembro de 1895, foi criada a Diocese do Espírito Santo, sendo nomeado seu primeiro Bispo, Dom João Baptista Corrêa Neri. O Bispo encontrou a diocese com um diminuto número de sacerdotes. Uma

* Historiador e pintor.

das suas primeiras providências foi a criação de um seminário, para formação de padres seculares.

Havia se instalado em Tyrol, colônia de Santa Leopoldina, na época município de Cachoeiro de Santa Leopoldina, a Congregação do Verbo Divino.

A direção do seminário foi entregue pelo Bispo à Congregação do Verbo Divino, sendo nomeado para seu diretor o padre Luiz Koster. O seminário funcionou por algum tempo em Vitória, e por falta de recursos para sua manutenção, foi transferido para Santa Izabel, onde havia uma paróquia da congregação.

De lá fora novamente transferido para o Santuário Nossa Senhora da Penha. Porém como continuaram grandes as dificuldades para seu funcionamento, foi fechado no dia de Pentecostes em 1900.

Os padres do Verbo Divino chegaram a Vitória a bordo do paquete Lisboa. Eles tinham como destino a Argentina, onde iam para as missões. O paquete permaneceu por dias em Vitória. Ao saberem da existência de imigrantes católicos sem assistência religiosa em Tyrol, Santa Leopoldina, os padres resolveram visitá-los.

Assim, no dia 19 de Março, rezaram a primeira missa no local e fundaram a Congregação do Verbo Divino no Estado, não retornando mais ao paquete. Posteriormente fundaram a paróquia de Santa Izabel. Os padres aqui desembarcados foram Francisco Dold e Francisco Tolinger.

O Bispo Dom João Baptista Neri, adoeceu e foi transferido para Pouso Alegre, no Estado de Minas Gerais. Foi substituído por Dom Fernando de Souza Monteiro. Seu irmão, Jerônimo de Souza Monteiro, foi eleito governador do Estado, para o período 1908-1913.

Foi deliberada a criação de um ginásio estadual, cabendo a direção à Congregação do Verbo Divino, com um contrato de cinco anos. Igualmente, a Congregação foi convidada a assumir a paróquia de Vitória, tendo prestado relevantes serviços de evangelização à população. Seus padres Pedro Benezath, Conrado Knies, Mathias Wilhemse Guilherme Porten, eram muito conceituados. Há uma rua em Vitória com o nome de Padre Guilherme Porten.

A congregação dirigiu, também, a escola paroquial que funcionava na igreja de São Thiago. Tendo o governo do Estado adquirido a igreja, transformaram-na em uma biblioteca. Não concordando os padres com a iniciativa, encerraram suas atividades frente à escola.

No governo Jonas dos Santos Neves, foi doada uma área em Bento Ferreira à Igreja Evangélica Luterana, para a construção de um ginásio, que se destinava aos seus filiados. Tinha como fim hospedá-los e ministrar o

curso secundário. Na época, grande parte dos municípios não dispunha de escolas secundárias. Lá foi construído um moderno edifício, com o nome de Ginásio Martin Lutero. O professor Johannes Roeder, titulado pela Universidade de Heideberger, fundou o Instituto Teuto Brasileiro, que continua em atividade, no bairro de Bento Ferreira ministrando a língua alemã.

Funcionava na Rua General Osório uma pensão dirigida por uma alemã, casada com o Sr. Ditze, pais de Harald Ditze, que foi alto funcionário do Banco do Brasil e Vice-Presidente do Banestes. Essa pensão hospedava os descendentes de alemães, cobrando acessíveis preços e facilitando comunicações.

Quando da entrada do Brasil na segunda grande guerra, a pensão foi destruída devido ao quebra-quebra, juntamente com um piano em que o Sr. Ditze, já cego, se distraía. O piano foi quebrado sob a alegação de que dentro dele havia uma estação de rádio.

Na mesma rua funcionava o consultório médico de Carlos Schroeder, que dispunha de até um aparelho de raios X. O consultório também foi atingido pelo quebra-quebra. O aparelho de raio X foi destruído pela mesma razão da destruição do piano do Sr. Ditze.

Uma das maiores obras da época foi, indiscutivelmente, a construção da ponte de ferro, conhecida como Cinco Pontes, executada no governo Florentino Avidos. Foi feita na Alemanha e aqui montada, por alemães, sob a orientação do Dr. Moacyr Avidos. Essa ponte ligou a ilha ao continente e foi a ponta de lança do desenvolvimento de Vitória.

Marcou época na cidade, a fábrica de cerveja Schmidt, que foi o primeiro estabelecimento da cidade a ter água encanada diretamente da Fonte Grande. Um marco importantíssimo de iniciativa alemã é a fábrica de Bombons Garoto, fundada por Henrique Meyerfreund, em Vila Velha. Na ocasião a região pertencia ao município de Vitória. O filho do fundador, Helmuth, deu prosseguimento à indústria que atualmente é um dos mais importantes estabelecimentos do país na especialidade, e seus produtos são exportados para vários países. No vizinho município da Serra, estabeleceu-se a firma alemã Atlantic Veneer, que trabalha com madeira e parte de sua produção segue para o exterior. Terminada a segunda grande guerra, a Alemanha, quando recuperada, voltou a prestar sua valiosa cooperação a cidade de Vitória.

Os hospitais Santa Rita e Evangélico são mostras dessa cooperação. O Evangélico, localizado em Vila Velha, presta, todavia, seus bons serviços a Vitória.

No comércio, destacaram-se as firmas alemãs Theodoro Wille e

Arens & Langen exportadores de café. Foi gerente de Arens & Langen o Sr. Nicolao von Schilgen cujo filho, Dr. Carlos Alberto Lindemberg von Schilgen, médico, de grandes serviços prestados à coletividade, exerceu o cargo de prefeito de Vitória.

Vários descendentes de alemães destacaram-se na vida cultural, social, econômica e política. Entre eles Dr. Otto Ewald Junior, fundador da Faculdade de Odontologia. Dr. Alberto Stange Junior foi diretor do Colégio Americano, presidente da Assembléia Legislativa, Secretário do Estado da Educação e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Os descendentes de alemães continuam cumprindo com seus deveres de cidadãos brasileiros, honrando os seus antepassados, que para aqui vieram construir uma nova pátria.

Declaração de amor a Vitória (1)

José Garajau da Silva *

Há 55 anos, precisamente, deixava eu a minha aldeia, lá no interior de Minas Gerais e vinha para Vitória.

Vim, seguindo o curso de meu destino, não um destino fatalista. Todos nós temos nosso destino. O destino, às vezes, é como um cavalo fogoso cujos ímpetos havemos de conter, segurando firme as rédeas; outras vezes, é como um cavalo dócil, conhecedor do caminho a percorrer, ao qual nos podemos submeter, contra o qual não devemos rebelar-nos.

Eu não me rebelei. Vim, vi e fiquei; fiquei, porque gostei.

Achei a cidade singularíssima, lindamente edificada ao sopé da montanha. A montanha a recolhe na concha das mãos como uma jóia, como uma pérola e se debruça sobre ela como que encantada da sua beleza e a protege da ira do oceano, cujas ondas bramem lá fora, em ânsias de apoderar-se dela. Mas... está tão bem guardada!

O mar que penetra, penetra de cabeça baixa, jugido, jugulado entre o Forte S. João e o austero e silencioso Penedo. O mar que a circunda tem a forma de um colar reluzente, matizado dos revérberos das estrelas, que pontilham a sua superfície, em noite de luar. É um riquíssimo adorno, que cai muito bem sobre o colo ardente da cidade menina qual princesa ainda impúbere.

Esse encanto de que me senti tomado por Vitória, por certo, deve ter relação, deve corresponder aos encantos de uma jovem de 13 anos de que logo me enamorei e com quem espero festejar, daqui a três anos, "bodas de ouro".

Mineiro é assim, não enrola; chega e cria logo raízes.

Oh! Vitória das décadas de 40... 50... 60! Recordar essa época é avivar as saudades daqueles tempos em que Vitória era um sonho. Tempos em que se podia ir a um teatro e a uma sessão de cinema, às 10 ou às 11 horas da noite, e ir para casa de bonde ou a pé, sem o menor sobressalto.

(1) Trecho de um discurso

* Professor

Há, pois, 50 anos que acompanho a vida de Vitória e o seu extraordinário progresso. Quem podia esperar que, nestes últimos 30 anos, Vitória se transformasse da meiga e cortesã cidade-presépio nessa trepidante metrópole! Quem podia imaginar, naquele tempo, que a pacata fazenda dos Nunes fosse hoje o mais arrojado porto de exportação de minérios e produtos siderúrgicos! Quando se podia supor que a bucólica fazenda dos Netos se tornasse o que é hoje - o formidável complexo portuário de Capuaba! E a segunda ponte e a terceira ponte? Esta então o que tem de arrojada, tem de majestosa.

Isto é progresso e progresso é um constante desafio; a cada avanço, abrem-se novas perspectivas, que se desdobram em outros tantos desafios, diante dos quais o homem não pode recuar e, animado de misteriosa capacidade realizadora, se põe em campo em busca de soluções alternativas.

Maçonaria em Vitória

José Higino Oliveira - Taneco *

Grão-mestre estadual Edval Galazi, grão-mestre adjunto Luiz Carlos Franco de Mello e Luzes que tudo vêm fazendo, dentro do possível, para que os maçons vivam em harmonia e que o Grande Arquiteto do Universo guarde e proteja a todos.

A Maçonaria é como a mitológica Fênix, que, segundo a tradição egípcia, durava muitos séculos, e, queimada, renascia das próprias cinzas. A maçonaria está sempre renascendo das cinzas de seus mártires, porque essas cinzas guardam o fogo sagrado da liberdade, e a liberdade é a vida.

A Maçonaria é uma sociedade de homens livres, de bons costumes, ligados entre si pelos laços da fraternidade, que se reconhecem e se identificam através de sinais, toques e palavras convencionais. As sociedades, espalhadas por todo o mundo, prestam, através de seus membros, ajuda onde que quer que se encontrem, seja qual for o país, a classe social ou a organização a que pertençam.

Ninguém pode exigir do maçom que se exceda a si próprio absurdo matemático de solução impossível, na realização de obras monumentais incomportáveis pela modéstia das suas posses.

Muito a Maçonaria tem feito por esse Brasil em fora e que seria fastidioso enumerar. Mas assim mesmo, dentro dessa mediania que não desonra, muita coisa se pode fazer.

O problema assistencial não é de interesse apenas do Governo. Interessa, sobretudo, à instituição maçônica, que, em sua sábia doutrina, repele a erupção de todas as ideologias exóticas causadoras de situações de desespero.

* Cronista e poeta.

A educação maçônica é outro aspecto importantíssimo que desde os tempos mais remotos preocupa os homens do pensamento alto. Na concepção doutrinária da velha sociedade... "não se pode ser bom profano sem ser um perfeito maçom".

O senso da harmonia - Este senso da harmonia é que distingue a Maçonaria das outras sociedades, até mesmo das religiosas, por entender que é importante que ela exista entre os seus membros. Harmonia e não disciplina, pois desta não curam os velhos léxicos maçônicos.

É a Maçonaria uma sociedade secreta?

Ao contrário do que muitos acreditam e do que é maldosamente divulgado por certos círculos interessados, em nenhum país livre ela esconde a sua existência, e nem há motivo para os filiados esconderem a sua participação na fraternidade, que é universal.

Essa sociedade, cujos membros idealizavam Deus um ser inefável, expunham-no à adoração dos povos sob os emblemas do sol e da natureza; aquele representando a imagem do Criador; esta a expressão da sua vontade e resumo loquente das leis que regiam o universo.

A origem da Maçonaria é muito discutida. Alguns autores situam-na nos primórdios da antiguidade oriental; outros admitem como seu fundador Hiram-Abif, arquiteto do templo de Salomão; para outros, deriva dos mistérios do Egito ou da Grécia, ou, ainda, das corporações operárias criadas por Numa, em 715 a.C..

Lojas Maçônicas da Grande Vitória subordinadas ao Grande Oriente da Maçonaria do Espírito Santo:

Em Vitória, a augusta, benemérita e bemfeitora loja "União e Progresso", símbolo do pioneirismo maçônico no Espírito Santo, era fundada a 18 de novembro de 1872. Funciona em prédio próprio na Rua Muniz Freire, 117.

As demais lojas:

Loja Maçônica Dr. Américo de Oliveira - Rua Henrique Rosetti, 33 - Jardim América - Cariacica.

Loja Maçônica Domingos Martins - Av. Alexandre Buaiz, 182 - Ilha do Príncipe - Vitória.

Loja Maçônica Estrela de Camburi - Rua Eugenílio Ramos, 737 - Jardim da Penha - Vitória.

Loja Maçônica Guardiã da Democracia - Rua Eugênio Ramos, 797 - Jardim da Penha - Vitória.

Loja Maçônica Humildade e Fraternidade - Av. Marechal Campos, 1266 - Maruípe - Vitória.

Loja Maçônica Ivan Neiva Neves - Rua João Mendes, 773 - Santa Mônica - Vila Velha.

Loja Maçônica Joacy Palhano - Av. Marechal Campos, 1266 - Maruípe - Vitória.

Loja Maçônica Luz do Planalto - Rua C, s/nº - Jardim Limoeiro - Serra.

Loja Maçônica Professor Hermínio Blackman - Rua Presidente Lima, 1010 - Centro - Vila Velha.

Loja Maçônica Acácia Vilavelhense - Rua João Mendes, 773 - Santa Mônica - Vila Velha.

Loja Maçônica Ação e Participação - Rua Muniz Freire, 117 - Centro - Vitória.

Loja Maçônica Alferes Tiradentes - Rua João Mendes, 773 - Santa Mônica - Vila Velha.

Loja Maçônica Anibal Freire - Rua São Gabriel, s/nº - Maria Niobe - Serra.

Loja Maçônica Caridade e Esperança - Jacaraípe - Serra.

Enfim, a Maçonaria era o grande laboratório das idéias políticas que deram vida ao Império e que mais tarde levariam o grão-mestre Manoel Deodoro da Fonseca à Proclamação da República.

De 1822 a 1832, o rito dominante na Maçonaria Brasileira era o "moderno", também chamado "francês", através do qual passaram a funcionar as lojas "Comércio e Artes", "União e Tranquilidade" e "Esperança de Niterói", as três pedras angulares em que se assentam os alicerces centenários do Grande Oriente do Brasil, onde José Bonifácio, o Príncipe D. Pedro e Joaquim Gonçalves Ledo deram início à gloriosa epopéia da Independência do Brasil.

A primeira proposição do evangelho maçônico é a liberdade. "Sem liberdade toda justiça é mentira, todo castigo é infame, toda religião é hipócrita. E é por isso que o anel de todas as artes é o segredo das investigações científicas, os desejos de todas as gerações se encaminham infalivelmente para romper as cadeias, sacudir as tiranias, conseguir, enfim, essa liberdade sem a qual é triste, odiosa e impossível a vida!"

"Para cada noite de trevas há sempre uma aurora fulgurante", é o lema da Maçonaria.

Colégio Americano Batista de Vitória

José Paulo de Souza Filho *

O Colégio Americano Batista de Vitória surgiu do carinho, do amor e dedicação. Através dele, ou por ele, passaram as mais ilustres figuras representativas de nosso Estado e nosso país, cujo brilho atinge o mundo inteiro. Seus ex-alunos, hoje, são engenheiros, médicos, advogados, pastores, professores, políticos, ministros, químicos, literatos etc. etc. etc.. A vida do Colégio Americano é uma página gloriosa e honrada na história do ensino no Estado do Espírito Santo.

O Colégio Americano nos ensinou a Viver e Conviver. É uma lembrança saudável e inesquecível de nosso tempo juvenil. Faz-nos transportar para o reino da poesia, da música e da saudade como diria a ex-aluna Beatriz Faria Santos Rabelo:

Quando transpus o seu portão de ferro,
de novo eu me senti uma estudante!...
E estas lembranças, que no peito encerro,
eu as revivo agora, neste instante.

E deixei que a saudade, docemente,
daqueles tempos viesse em mim pousar!...
Contemplei-o de longe, longamente,
mas não tive coragem para entrar!...

Sonoroso, doce, suave, terno é o hino do Colégio. O autor da letra e da música foi meu Professor, Rev. Renato Ribeiro dos Santos; culto, inteligente e notável figura humana. Eis a letra:

* Médico e poeta.

Tem Vitória um luzeiro brilhante
Que de Deus pela fé se acendeu
Esta escola a luzir deslumbrante
Neste solo, onde forte nasceu
Anteviu Loren Reno, gigante
Na visão que o futuro lhe deu,
Esta forja, bendita, possante,
Num alcandor de glória apogeu

**Salve, Salve o Colégio Americano!...
Pela Glória do Brasil!...**

Nesta casa onde a luta é gloriosa
Nesta casa onde é santo o labor
Gente moça se torna formosa
Na virtude, cultura e valor
A lutar pela pátria ditosa
E servi-la com férvido amor,
Estudai, mocidade radiosa
Trabalhai, estudai com vigor.

No dia 4 de Outubro de 1904, desembarcava em Vitória, para trabalhar intensamente pelo povo capixaba, até o dia 5 de Março de 1935, quando faleceu, o notável homem de Deus, Loren Reno. Ao seu lado esteve sempre a sua incansável esposa Alice Reno. Em 1907 iniciou aquele que viria a ser um dos maiores e mais importantes colégios do Estado.

Juntando o ideal evangélico e de educador, Loren Reno percebeu que poderia iniciar uma grande obra, levando ao povo capixaba a luz da salvação e a luz do saber. Sem parar um dia na importante obra de evangelização, enfrentando dois grandes problemas: a dificuldade da língua portuguesa e a incredulidade do povo transmitida através de perseguições e até violência.

Nascia, portanto, o Colégio Americano Batista de Vitória, nesta cidade sol, neste jardim das hespérides e nesta ilha hospitaleira. O autor destas linhas a descreveu assim:

Cidade rica, bela, cristalina
Vitória, azul anil, Vitória amada.
Cidade pura, gesto de menina
e você um dia a trocou por nada.

A filosofia do Colégio sempre foi: "O fim principal da educação é o caráter" e na Avenida Schmidt ficou cinco anos. Em 1912, transferiu-se para a Rua General Osório, onde estava sendo construído o monumental templo da Primeira Igreja Batista de Vitória. Em 1915, iniciou-se o regime de internato.

Em 1920, foi adquirida a Chácara do Moscoso, uma grande área num lugar nobre da cidade. Em 1934, dia 7 de Setembro, com a presença do Governador do Estado, foi inaugurado o prédio que até hoje se mantém imponente e em pleno uso, como o prédio principal do complexo do centro. Os recursos, praticamente todos, vieram de irmãos americanos.

Loren Reno desfrutou apenas um ano do belo edifício. No dia 5 de Março de 1935, quando o outono muito breve iria cobrir a terra de folhas suaves como a saudade, o ilustre educador foi chamado aos céus. Era madrugada. Seu corpo foi sepultado no Cemitério de Santo Antônio - Vitória. Do casal Reno nasceram três filhas: Margarida, Carrie e Etta Fern. O povo da terra capixaba lhe conferiu a justa homenagem, exigindo o seu túmulo onde se encontra gravado o seu nome. É a indelével gratidão ao homem que, com humildade, marcou com seu exemplo as gerações que receberam sua influência na formação de suas vidas. Era um ideal tão profundo que a escola o tinha já um nome cuja legenda ficaria para todo sempre: Colégio Americano Batista. "Americano" em virtude dos métodos de ensino aplicados. "Batista" por ser a sua própria identificação. O seu progresso e a porção de destaque que hoje ocupa no cenário educacional do Brasil é a mais eloquente demonstração de que o ideal de Loren Reno nasceu primeiramente no coração de Deus, pela sua graça, tornando a sua obra o majestoso Império Educacional de Vitória.

Alberto Stange Junior foi o seu sucessor na grande obra, inaugurando uma segunda fase na vida do seu Educandário, que durou mais de 30 anos, com expansão do Colégio, construção de outros prédios e notável penetração na sociedade. As principais famílias de Vitória tinham seus filhos matriculados no Americano. Cresceu não só no aspecto físico, mas especialmente no seu produto, o ensino, com seus cursos Científico, Clássico, Contabilidade, Formação de Professores e vários outros.

Dr. Alberto Stange Junior era uma inteligência polimórfica. Foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Membro da Academia Espírito Santense de Letras, Professor, Advogado, Ex-Deputado Estadual e Ex-Presidente da Assembléia Legislativa, Membro de várias entidades culturais do Estado e do país. Era amigo inseparável. Podemos afirmar que era Um Homem Bom. Particularmente devo meus estudos a ele. Com muito orgulho e humildade ocupo sua cadeira na Ala (Academia

de Letras e Artes), de Lisboa, Portugal, atualmente. Ele soube honrar nosso Estado. Discípulo de Loeno, homem dinâmico, conhecedor dos mais elevados moldes de ensino.

Em 1936, ajudado pelo missionário A.J. Terry, Dr. Stange consolidou a estrutura jurídica do Colégio. Em 1941, construiu o Refeitório, a Biblioteca e uma grande área de cimento armado.

Em 1945 - Depois de vários cursos em funcionamento e grande número de matrículas, foi preciso construir novas salas de aulas e em pouco tempo foram inauguradas 11 salas no grande Edifício Alice Reno.

Em 1955 a propriedade ao lado do Colégio onde foi instalado o jardim de Infância. Havia 1500 alunos e 60 professores.

Sua obra estendeu-se de tal maneira que o Colégio foi classificado em 1º lugar no inquérito promovido pela Sociedade Informativa da Imprensa Interamericana.

Além destas atividades, ainda funcionava o Curso Bíblico sob a direção do Pr. Carlos Leimann.

A administração Alberto Stange Junior foi marcada pelo crescimento técnico-científico da entidade.

Em 1967, o Dr. Stange passava a direção ao educador Nelson Rangel, cuja administração se estenderia até 1982. Atenção especial foi dada aos cursos profissionalizantes, tais como: Patologia Clínica, Desenhista e Projetista, Técnico de Química, Administração, Secretariado, Tradutor e Intérprete.

As atividades do Colégio têm sido intensas: Festas - Dia dos Pais, do Estudante, da Criança, do Professor, do Aniversário do Colégio, assim como as diversas formaturas, etc..

Em continuidade, são intensificadas as sessões Cívico-Sociais, Religiosas em Assembléias semanais, Mostras de Trabalho, Feira de Plantas, Cursos de Aperfeiçoamento na área de esportes; têm sido realizados campeonatos inter-classes de futebol de salão e basquete com intercâmbios com outros Colégios. Conservando o lema deixado por Loren Reno, no firme propósito de que "O fim principal da Educação é o Caráter", o Colégio Americano Batista "Ampliou suas tendas e estendeu suas habitações".

O fortalecimento da orientação educacional foi outro destaque com implantação do Conselho de Classe, Semana Pedagógica, Conselho Técnico Administrativo, etc..

A orientação espiritual foi outro ponto de relevância, com programação religiosa, voltada para alunos e seus familiares. Neste tempo nasceu o Instituto Teológico, o embrião do atual Seminário. Outra virtude

do Colégio é a seleção de seus Professores. Os melhores, os mais selecionados ou capacitados, intelectuais, honrados e os mais ilustres. Apontar os melhores cairia em erros. O Colégio Americano Batista continua sendo uma notável força na Educação do Estado do Espírito Santo, com milhares de alunos de todos os segmentos sociais, que se unem como autêntica família.

Atualmente dirige o Colégio Americano o Prof. Dr. Derli Baiense Moreira, com invejável currículo e indiscutível capacidade administrativa, que devolveu ao Colégio os melhores dias de sua história. Tomou posse em 11 de Outubro de 1984 e assentava-se na famosa cadeira de Loren Reno. O novo Diretor abriu o Livro Sagrado (**A Bíblia**) e encontrou as palavras do Profeta Ageu: - "Esforçai-vos e trabalhai; porque Eu sou convosco - Diz o Senhor dos Exércitos" Ageu 2:4.

O Colégio Americano já atingiu, no ponto mais alto da sua história, 4270 alunos matriculados. Mede-se a competência e visão de um administrador pelos auxiliares que reúne ao seu lado. A Administração do Prof. Dr. Derli Baiense vem sendo também marcada pela competente equipe que montou. Para somar às desafiadoras exigências de uma administração fecunda, especialmente com a expressiva expansão, o Colégio foi buscar na experiência e na invejável folha de serviço à denominação, o Pastor Doutor Orivaldo Pimentel Lopes, para ocupar o cargo de diretor administrativo, completando assim a constelação diretiva do Colégio, cujo clarão brilha nos céus desta terra de Domingos José Martins. O Pastor Orivaldo Pimentel Lopes é intelectual, ex-aluno (sou muito do seu gosto), meu colega de turma para meu orgulho pessoal e atualmente membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Na direção Derli Baiense o progresso é sentido diariamente, o Colégio caminha vitorioso, marcado por expressivo crescimento patrimonial, numérico, educacional e espiritual.

Loren Reno, depois de morto, ainda fala "Com o desejo de servir ao povo capixaba, fundei o Colégio Americano!"

Enfim o nome de Deus tem sido glorificado através da chama que permanecerá acesa, imortalizando a Obra Evangélica e Educacional do seu eminente fundador.

Agradecendo a Deus o privilégio de apresentar ao povo capixaba, nas comemorações da Cidade de Vitória a História do Colégio Americano, tenho certeza que o ideal de Loren Reno se tornou uma luz que não se apagará.

O novo arrabalde

Luiz Guilherme Santos Neves *

No início do século, o engenheiro Saturnino de Brito elaborou o Projeto do Novo Arrabalde, abrangendo a área primitiva da Praia da Canto, que ainda hoje conserva alguns traços originais da sua concepção.

A expansão urbana de Vitória seguiu a regra geral da quase totalidade das cidades brasileiras tradicionais. De um sítio histórico, núcleo da antiga Vila de Nossa Senhora da Vitória, erigida na parte alta e meridional da ilha, a expansão se processou de forma centrífuga, ganhando os espaços periféricos disponíveis ou até criando-os, mediante aterros de mangues e sucessivas conquistas ao mar.

Esse processo expansivo despolarizante foi, todavia, lento. Seu grande impulso situa-se no século XX, embora no final da centúria anterior tivesse sido elaborado o primeiro projeto urbanístico de Vitória, de autoria do engenheiro Saturnino de Brito, denominado **Novo Arrabalde**. Sua área abrangia a parte primitiva, sem os aterros, do atual bairro da Praia do Canto - antiga Praia Comprida - e porções adjacentes.

A implementação do Projeto se deu sob a ação oficial do Governo Moniz Freire cujo quadriênio, de 1894 a 1898, foi fortemente favorecido pela alta do preço do café.

Já o orçamento do Estado, no ano anterior à posse de Moniz Freire, acusara um saldo positivo da ordem de 32 por cento em relação à receita orçamentada. O incremento das atividades comerciais, centradas no movimento das exportações do café, manteve-se nos anos seguintes, assegurando condições propícias à economia estadual.

Cidade Do Sem - Um programa de remodelamento e modernização da cidade de Vitória, que conservava ainda nítido perfil colonial, não só podia começar a ser pensado, como se tornava também necessário.

* *Professor e escritor.*

Essa necessidade transparece na descrição que o presidente Moniz Freire traça da capital do Estado, apontando suas condições precárias, típicas de uma "cidade velha e pessimamente construída, sem alinhamentos, sem esgotos, sem arquitetura (...) apertada entre a baía e um grupo de montanha". Somando-se a isso o mau abastecimento d'água, o serviço arruinado de iluminação a gás, a carência "de um fornecimento regular de carnes verdes, sem edifícios notáveis, sem teatro, sem um passeio público, sem hospitais, sem serviço de limpeza bem organizado, sem um matadouro decente, desprovida de toda defesa sanitária, necessitando de construir novos cemitérios..." - tem-se a exata dimensão dessa *cidade do sem* que era Vitória no final do século XIX.

Moniz Freire não fica, porém, na retratação desse sofrível panorama. Avoca ao Estado a iniciativa de formular uma proposta inovadora de programação da vida urbana, planejando para o futuro, abrindo, arrojadamente, perspectivas até então inimagináveis para o proveitamento de um espaço físico cinco vezes maior do que o limitado sítio onde estava assentada a acanhada cidade de Vitória. Nasceu, assim, o **Projeto do Novo Arrabalde**, cuja execução coube à Comissão de Melhoramentos da Capital.

Nessa Comissão, como responsável pela autoria do Projeto, preponderaria a figura de diretor, o engenheiro sanitaria Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, cujo nome ficou ligado a uma gama de serviços e obras de planejamento e saneamento urbanos realizados nas mais diferentes cidades do Brasil.

Filosofia Positivista - De Saturnino diria, por exemplo, Gilberto Freire (in *Ordem e Progresso*, José Olympio, Rio, 3ª ed., 1974, Tomo II): "Figura exponencial de engenheiro e de administrador de serviços públicos que está a merecer um estudo, além de biográfico, sociológico, um estudo que fixe suas relações com o meio e com a época - chegou a fazer escola, caracterizada pelo empenho dos engenheiros sanitaristas que obedeciam a sua orientação, de se conservarem apolíticos nos postos técnicos que lhes eram confiados pelos governos-apolíticos e intransigentemente honestos".

Adepto do Positivismo, Saturnino de Brito impregnaria a concepção do Projeto do Novo Arrabalde, sem prejuízo de suas virtudes técnicas, com elementos extraídos à filosofia positivista. O historiador Luiz Derenzi, também ele engenheiro, destaca o fato em sua obra *Biografia de Uma Ilha* (Ed. Pongetti, Rio, 1965): "Usando os artifícios da numerologia positivista (Saturnino) deu às vias e quadras dimensões múltiplas de sete, perfeitamente harmônicas". Lembra ainda, e com propriedade, aquele mesmo historiador: "Não obstante ter sido concebido antes do aparecimento dos

veículos automotores, o bairro teve todas as condições ótimas de tráfego" - verdade que os dias correntes continuam confirmando.

Fatores modernamente problematizados e discutidos pelos técnicos e planejadores de cidades - ou pelos seus críticos e contestadores da massificação urbana - tais como qualidade de vida, aproveitamento racional do solo urbano, integração social e comunitária, preservação da paisagem ambiental, lazer, saúde, serviços públicos, vias racionais e transporte, aparecem pioneiramente contemplados e priorizados no Projeto do Novo Arrabalde.

Não sem razão, o próprio autor, no fecho do ofício de 23 de maio de 1896, em que dirige ao cidadão Sr. José de Mello Carvalho Moniz Freire - Presidente do Estado - o Relatório final e completo sobre o Projeto elaborado, externa votos para que não redundassem perdidos "os esforços e sacrifícios" empenhados pelo Estado "no sentido de dar à Capital terreno são, ou saneado, por onde possa se desenvolver com as garantias higiênicas e com os predicados estéticos das cidades modernas".

Direcionamento Futurista - O Projeto do Novo Arrabalde globalizava, de forma integrada, uma área principal e maior e duas outras menores, que se estendiam, a partir de Jucutuquara, nos sentidos das praias da ilha de Vitória, abarcando superfície de 3.293.713m².

Compreendia, assim, os terrenos disponíveis, situados entre os morros Grande, da Gurigica, de Bento Ferreira, de Itapenambi, do Suá, Itapebuçu, Guajuru, Barro Vermelho e Gamela, constituindo-se "campo verdadeiro de expansão para uma vida muito diferente do viver acanhado que ofereceu a velha cidade", afirmativa que revela o direcionamento futurista que presidiu o Projeto do Novo Arrabalde.

Seu partido urbanístico compunha-se de 178 Quarteirões (Quadras), totalizando 2.129 lotes, todos com testada superior a 14,00 metros, sendo: 117, na Vila Monjardim, área seguinte a Jucutuquara, destinada a núcleo operário; 36, na Vila Hortícola, de destinação agrícola; e, finalmente, 1.976 lotes no Novo Arrabalde propriamente dito.

Servido por quatro grandes avenidas - a Norte-Sul (hoje Leitão da Silva), a Avenida da Penha ("orientada no rumo da extraordinária Capela", atingindo a Ponte da Passagem), a Ocidental (atual Rio Branco) e a Ordem e Progresso ("justo preito ao lema da Política Positivista", que começava onde é a Avenida César Hilal) - o Projeto preconizou a criação de bosques de eucaliptos, nos quais Saturnino identificava "preciosos fatores higiênicos" para combater moléstias e salubrir o meio-ambiente.

Bosque Sagrado - Além de jardins, um passeio público foi projetado no morro da Barrinha - onde fica hoje o Colégio Sacré Coeur de Marie -

preservando a mata ali existente e proporcionando visual para o mar largo, com previsão de construção de "alamedas transitáveis ou carruagens até o ponto culminante".

Reconhecendo ser "difícil, se não impossível", encontrar nos terrenos do Novo Arrabalde local apropriado para o estabelecimento de cemitério - problema crônico da ilha de Vitória - mesmo assim o Projeto destinou o morro do Barro Vermelho para esta serventia com a denominação de Bosque Sagrado. No outro extremo, junto ao morro de Bento Ferreira, reservou-se área para a construção de um novo hospital, outra das grandes e persistentes carências da Capital.

O Projeto visava a beneficiar uma população da ordem de 15.000 habitantes, com a taxa estimada de ocupação de sete moradores por lote, num evidente e também precursor princípio de valorizar a implantação de habitações unifamiliares. Essa proposta perdurou durante muito tempo como marca de origem da Praia Comprida até que o *boom* imobiliário dos últimos vinte anos alcançou o local, com a proliferação dos edifícios residenciais plurifamiliares e das construções verticalizadas para comércio e serviços, hiper valorizando o preço dos terrenos na região.

Plantas isoladas, planilhas, cortes e outros detalhamentos técnicos compõem o Projeto, revelando o critério adotado no planejamento dos serviços estruturais básicos, como aterros, barragens, cais, diques, galerias e coletores de águas, compondo o sistema de drenagem, além de outros serviços indispensáveis.

Os estudos desenvolvidos para o abastecimento d'água concluíram pela sua captação no córrego Jucutuquara, com previsão de armazenamento em reservatório próprio. Ficou ainda equacionada a possibilidade de esforço dessa captação com o aproveitamento do manancial da Fonte Limpa, no morro do Mestre Álvaro, "onde existe água abundante e de superior qualidade", canalizável até o novo bairro através de linha adutora de apenas 12.500 metros de extensão.

Traços Originais - A estrada de rodagem, com 3.500 metros de comprimento e tendo plataforma de 7,00 metros de largura, integrava o Novo Arrabalde ao velho núcleo da cidade de Vitória. A estrada nascia no contraforte da Capixaba, próximo ao Forte de São João, e vencia o córrego Jucutuquara, graças a um pontilhão de cinco metros, cuja estrutura foi criteriosamente projetada.

Através da estrada obtinha-se a fácil ligação do novo bairro com o centro vitorienso, dada a curta distância entre ambos. Atendia-se, assim, a um dos pré-requisitos básicos que orientaram sua localização, a NE, na própria ilha de Vitória: o de oferecer "condições tais que o transporte para

ele fosse o menos oneroso e o mais acessível em cada momento e a cada algibeira", condicionante suprida satisfatoriamente, nas décadas de 30 a 50, com o uso do bonde elétrico como meio de transporte coletivo.

Essa localização - "após a série de pitorescos outeiros da fazenda Maruípe" - na descrição de Saturnino de Brito - era, além do mais, a única possível, na restrita geografia insular de Vitória.

Foi, portanto, dentro desse quadro geral de diretrizes e limitações que surgiu, há cem anos atrás, o *Projeto do Novo Arrabalde*, no qual, ainda hoje, são identificáveis os traços originais de sua concepção técnica, arrojado e bem sucedido planejamento urbanístico.

A Rua Duque de Caxias

Miguel Depes Tallon *

Quem hoje passa pela rua Duque de Caxias, sequer imagina que aquela rua calma e tranquila já foi o coração da boêmia desta ilha, na época em que esta era, lembrando Carmélia, "uma delícia". Contam, inclusive, que num de seus casarões antigos, quando ainda os havia, esteve preso por algum tempo o Padre Diogo Antônio Feijó, em virtude de sua participação na fracassada Revolta Liberal de 1842.

A rua era calçada a pedra, desse tipo de calçamento que se conveniou chamar de "pé-de-moleque". Como as pedras, na chuva, ficavam escorregadias, um alcaide expedito as mandou substituir por uma pavimentação mais segura e moderna. Devagarinho, muito devagarinho mesmo, a velha rua foi mudando.

Quando Vitória ainda era uma "cidade de funcionários públicos, com poucos fogos e casario baixo", como costumavam dizer os viajantes, a Duque de Caxias era a rua das desordens, das arruaças, da prostituição e de todo o lúpen que a cerca.

Nos setenta, havia na rua três restaurantes muito bons: o "Brasil", o "Globo" e o "Marrocos". O lagarto assado com couve e tutu à mineira, do "Brasil" e o filé a Marrocos, do "Marrocos" eram imperdíveis. Primeiro, fechou o "Globo"; depois, o "Brasil". Só o "Marrocos" resistiria, chegando aos noventa.

Durante algum tempo, entre os setenta e os oitenta, os infeminhos de Vitória se concentravam na Duque de Caxias. Havia o "Belle Star", o "Annelise", o "Mona Lisa" e, numa transversal, na escadaria, onde depois seria o "Caldo Lira", o melhor de todos, o "Farolito".

Com o fechamento do "Globo" e do "Brasil", os boêmios passaram a se concentrar no "Marrocos", que quase como o saudoso "Mar e Terra", também não fechava. O "Marrocos" foi uma lenda na história etílica desta ilha, com dois dos maiores garçons de todos os tempos: Cariacica e Arlindo.

* Advogado, professor e poeta.

A verdade é que com o passar do tempo, não só a rua, mas também a cidade foi mudando. E, muito lenta, muito lentamente mesmo, foi tomando corpo um processo de esvaziamento do centro. Aos poucos, foram se reduzindo as residências. As famílias se transferiam para a Praia do Canto e, depois, para Jardim da Penha, e suas primitivas moradias eram convertidas em lojas, em pontos comerciais. Em seguida, foi a vez dos bares e restaurantes. A "Cantina Florença", de Mário Canginni, saiu da escadaria Maria Ortiz e foi para Bento Ferreira, onde virou o "Mários". O "Britz", após uma tumultuada pendência judicial fechou. Outra sorte não teve o "Da Luigi". Fechou também o "QG dos Esportes", ao lado do Carlos Gomes. O "Esplanada" ainda resistiria algum tempo, antes de cerrar suas portas. Com o fim do "Beco da Miséria", sumiu o "Bar do Ralf".

Passada a febre das lanchonetes, sucumbiram, uma a uma, a "Cipó", a "Petrópolis", a "Rio Doce" e a "Domani". O "Sagres" há muito deixara de existir, com suas mesinhas e cadeiras do lado de fora. Mas o pior de tudo foi o "Menezes", o incrível "Bar e Bilhar Menezes", que um incêndio levou para sempre. Tudo isso para lembrar como o centro foi mudando na capital que crescia.

É claro que a Duque de Caxias não poderia resistir e, quase no mesmo ritmo, também foi mudando. E o "Marrocos", que antes quase não fechava, passou a fechar cada vez mais cedo: primeiro, à meia-noite; depois, às 23:00 horas; em seguida, às 22:00 e, logo - logo, às 21:00. Agora, coisa de alguns meses atrás, o "Marrocos" fechou de vez, depois de ter conseguido fingir, por um bom tempo, que só ele não passava, na rua que mudava. Não, meus amigos, a velha Duque de Caxias passou. E eu a vi passar.

O Palácio Anchieta

Neida Lúcia Moraes *

O Palácio do Governo do Espírito Santo, hoje denominado Palácio Anchieta, em homenagem ao Padre José de Anchieta, é uma testemunha de toda a nossa História.

Quando Vasco Fernandes Coutinho, o primeiro donatário, tomou a resolução de transferir a sede de sua administração para o local onde Vitória se encontra, os jesuítas, dirigidos pelo padre Afonso Brás, encontraram-se com este recanto do Brasil.

Afonso Brás, missionário e catequista, depois de reconhecer a costa, desde a Bahia, declarou que "a vantagem ia para a terra do Espírito Santo". E escolheu Vitória, que ainda não era Vitória, para o estabelecimento de uma casa para os seus liderados.

Desde logo os ecos da iniciativa chegaram à sede do Governo Geral "envoltos numa aura de ampla esperança" (a).

A casa de Afonso Brás, atual Palácio Anchieta, ficou ligada invariavelmente a todos os grandes eventos, começando com a própria fundação de Vitória. Depois a luta contínua com os índios, donos da terra, as invasões dos franceses e holandeses, o episódio heróico de Maria Ortiz, a catequese do padre José de Anchieta, sua morte, o reflexo do ciclo do ouro das Minas Gerais, a expulsão dos jesuítas, o desenvolvimento lento, mas seguro, enquanto durou a fase do café, o impulso mais violento após os primeiros anos da República e hoje, com a marcha vigorosa e irreprimível.

Nem as lendas faltaram. A notícia de um tesouro escondido pelos jesuítas expulsos, as diferentes versões relativas a uma relíquia de Anchieta, os túneis que os padres teriam escavado, ninguém sabe muito bem para que, ainda povoam a imaginação dos capixabas.

* Professora, historiadora e romancista.

(a) - Serafim Leite - *História da Companhia de Jesus no Brasil*.

Afonso Brás - O que caracterizava o primeiro jesuíta a fixar-se no Espírito Santo, além das atividades especiais de sacerdote, era a sua qualidade de arquiteto e construtor, exercitada aqui, no Rio de Janeiro e em São Paulo, durante mais de meio século de apostolado nas terras do Brasil.

Logo pôs o pé na Vila Nova, começou a aplicar a sua atividade de construtor.

"Em 1551, dando o padre Afonso Brás princípio a uma casa, os seus ecos chegaram logo à Bahia, envoltos numa aura de esperança. Escrevia Nóbrega: - Tem grande colégio e manda pedir meninos para principiar.

Depois, quando o próprio Nóbrega, com Tomé de Souza, passou em Vitória, no ano de 1552, já encontrou o colégio de São Tiago, grande casa e igreja. Entrando com o Governador Geral na igreja, Nóbrega entoou o **Veni Cretor Spiritus**, alusão ao nome da terra que pisavam" (a).

A igreja, ou recebeu o nome de alguma capelinha que ali existisse anteriormente, ou talvez fosse inaugurada em 25 de julho de 1551, o que explicaria a inovação de São Tiago. Como quer que seja, em 4 de maio de 1552 já se chamava assim.

Afonso Brás não ficou no Espírito Santo. Depois de ser o fundador do primeiro colégio, o primeiro professor de letras, de dar o exemplo de um surpreendente e comovedor aliciador de jovens para a sua "escola de ler, escrever e algarismos" (b), de ser o arquiteto e construtor da igreja de São Tiago, a primeira de Vila Nova de Nossa Senhora da Vitória, transferiu-se para São Paulo, obedecendo as ordens do padre Manoel da Nóbrega. Deixara plantado no solo do Espírito Santo um monumento que, aumentado e melhorado sucessivamente, atravessaria os séculos.

A Casa de São Tiago, sob a forma de colégio e seminário, deveria ser um fanal da educação por mais de duzentos anos, para vir a ser depois, por outros duzentos anos e mais tempo que há de vir, o pólo das atividades políticas e administrativas da capitania, depois Província e hoje Estado do Espírito Santo.

E além disso: "O mais belo ornato da capital do Espírito Santo", na expressão de Saint Hilaire (Segunda Viagem ao Interior do Brasil - Cia Editora Nacional - ed. 1936).

A Igreja de São Tiago - Inaugurada em princípios de 1552, ou talvez mesmo ainda em 1551, a igreja de São Tiago (c) construída junto à casa do colégio, tinha área e acomodação suficiente para os serviços divinos e assim os teria por muitos anos, dada a pequena população da vila que não atingia duas centenas de brancos.

(a) - Serafim Leite - *História da Companhia de Jesus no Brasil* - Vol. I

(b) - *Id. Id.* - Vol. VI

(c) - *Esta igreja aparece, às vezes, com a denominação de São Maurício.*

Durante o restante do século XVI não houve necessidade de reformas ou ampliações, o que, aliás, era de esperar, dada a capacidade do seu idealizador e construtor.

* * *

Serafim Leite (História da Companhia de Jesus no Brasil - vol. II) assinala que a igreja de São Tiago tem como "a sua maior significação o fato de ter sido túmulo do padre José de Anchieta".

José de Anchieta faleceu em Reritiba, hoje Anchieta (E.S) em 9 de junho de 1597. Assistiram-lhe alguns padres que logo trataram da sua condução para a capital do Espírito Santo, onde o recebeu toda a terra, com as autoridades civis e eclesiásticas à frente. Aos ofícios solenes pregou Bartolomeu Simões Pereira, Administrador do Rio de Janeiro, que chamou a Anchieta "o Apóstolo do Brasil".

O seu corpo foi acompanhado por um cortejo de mais de trezentas pessoas, na maioria indígenas, sendo sepultado na Igreja de São Tiago.

Sobre a campa do venerável catequista foi, mais tarde, colocada a lápide que lá se encontra com os seguintes dizeres:

HIC JACVIT VENE
RAB. P. JOSEPHVS
DE ANCHIETA SOC.
ET NOVI ORB. NO
VUS THAUMATURG.
OBIIT RERITIBAE
DIE IX JVN. ANN
MDXCVII

Os restos mortais do padre José de Anchieta foram levados, em julho de 1609, para a Bahia, onde ficaram por algum tempo, até ao breve de Urbano VIII de **non cultu** e retiraram-se de lá, sendo dispersadas as suas relíquias por várias casas e colégios, uma das quais foi para Roma.

A Antiga Escola Normal Pedro II

Orlando de Moraes *

Portador de um modesto diploma de professor normalista, conquistado no antigo Colégio Pedro Palácios de Cachoeiro de Itapemirim, que me habilitava ao ensino primário, fixara-me em Vitória nos idos de 1936, para dar umas aulinhas de português, de geografia, de aritmética, e, nas horas vagas, escrevia artigos um tanto ingênuos sobre ensino e pedagogia, que saíam no "Diário da Manhã" ou na "Revista da Educação", ambas publicações oficiais. E foi então que Ciro Vieira da Cunha, sempre inclinado a proteger, generosamente, os jovens metidos a intelectuais, convidou-me para substituir, durante alguns meses, a Professora Judith Leão Castelo, titular da cadeira de Pedagogia da Escola Normal Pedro II, da qual era diretor.

Fundada no início do século e submetida a rigorosa reforma de modernização no governo de Jeronymo Monteiro, a Escola Normal Pedro II funcionava ali naquele prédio ao lado esquerdo do Palácio Anchieta, onde é hoje a Escola Maria Ortiz.

Naquela época ainda não havia ensino superior em Vitória, de sorte que aquela escola secundária (posteriormente é que veio a infeliz classificação de 2º grau) e outras como o Ginásio Espírito Santo, o Ginásio São Vicente de Paula, o Colégio Americano e o Colégio do Carmo reuniam em seus quadros a fina flor da intelectualidade capixaba, recrutada por meio de concursos públicos de muita repercussão.

Compunham o corpo docente da Escola Normal Pedro II, além de Ciro Vieira da Cunha e Judith Leão Castelo, já citados, mais Alberto Stange Junior, Aurino Quintais, Rita Tozzi Quintais, Manoel Lopes Pimenta, Cícero de Moraes, Quintino Barbosa, João Chrisostomo Beleza e outros cujos nomes me escapam.

* *Escritor e historiador.*

Embora já habituado no curso normal que frequentei no Colégio Pedro Palácios, de Cachoeiro, ao convívio com a beleza, a brejeirice, a ironia, as insinuações e o desafio de uma maioria absoluta de garotas de 16, 17 anos, visto que pouquíssimos rapazes faziam o curso de professor primário, quando eu ia dar minhas aulas na Escola Normal Pedro II, sentia-me esmagado pelo charme, veneno e arte de tantas meninas que me rodeavam na mesa, ao fim de cada aula, para reclamar e reivindicar notas, ou fazer perguntas irreverentes e irrespondíveis. Era tal meu deslumbramento e consequente ineficiência que, certo dia, Dr. Ciro me advertiu irônico: - "Ormando, vê se ensina a essas meninas pelo menos o que é Pedagogia".

Mas a alegria durou pouco, pois Dona Judith Castelo reassumiu sua cadeira cinco, seis meses depois e eu perdi aquela posição, que me parecia o máximo para um jovem de 21 anos. Então, o Secretário da Educação da época, Fernando Rabelo, chamou-me e disse que o único lugar disponível para oferecer-me era uma cadeira de Desenho no Liceu Muniz Freire de Cachoeiro de Itapemirim. E minha resposta teria de ser rápida, no máximo em dois dias, porque, do contrário, seria forçado a atender infalível indicação do Prefeito Fernando de Abreu, que controlava quase todas as nomeações para cargos estaduais naquele município.

Da antiga Escola Normal Pedro II que administradores públicos, mais tarde, tiveram a insensibilidade de extinguir, guardo algumas recordações marcantes: a qualidade de seu ensino ministrado pela plêiade de professores já citados e outros mais, a aproximação, a integração e a identificação de jovens de todas as origens em busca de uma profissão digna porém muito mal remunerada e os momentos felizes que me proporcionaram minhas aulas, com sua alegria, sua vivacidade, sua esperteza, sua irreverência e sua cordialidade.

Recordo tudo com bastante nitidez, principalmente de uma de minhas últimas aulas naquela escola, em 10 de novembro de 1937, após a qual tive a notícia do golpe de Getúlio, da outorga de uma nova Constituição de cunho fascista e do início do Estado Novo que se prolongaria até 1946, com suas perseguições e suas arbitrariedades insuportáveis.

O dia era ensolarado e bonito, como sói acontecer em Vitória, e eu, ao deixar o velho prédio da Escola Normal Pedro II, caminhei apreensivo (por ser simpatizante dos movimentos socialistas) em busca da casa de um amigo que, naqueles idos, possuía a raridade de um rádio, para ouvir, à noite, o anunciado pronunciamento de Getúlio Vargas e para um dedinho de prosa sobre o importante acontecimento.

Vitória - alguns dados demográficos 1940 - 1980

Paulo Stuck Moraes *

A ilha de Vitória começou a ser habitada já por volta de 1537, quando Duarte Lemos instalou sua fazenda, nas proximidades do que hoje é o Parque Moscoso. Com a transferência da sede da capitania, em 1551, para a ilha, Vitória passa a ser a sede do governo, mas o seu desenvolvimento populacional, através dos anos, sempre foi pequeno, não atingindo grandes contingentes, até experimentar um crescimento vertiginoso, a partir dos anos 50, já neste século, como podemos observar na tabela que se segue:

População de Vitória, segundo os censos oficiais

Ano	Total	Homens	Perc.	Mulheres	Perc.	Cresc. Geral
1872	16157	7796	48.25	8361	51.25	
1890	16887	8304	49.17	8583	50.83	4.52
1900	18547	9107	49.10	9440	50.90	9.83*
1920	21866	10734	49.09	11132	50.91	17.90
1940	45212	21484	47.52	23728	52.48	106.77
1950	50922	23876	46.89	27046	53.11	12.63
1960	83351	39938	47.92	43413	52.08	63.68
1970	133019	62916	47.30	70103	52.70	59.59
1980	207736	98770	47.55	108966	52.45	56.17
1991	258243	121844	47.18	136399	52.82	24.31

*Projeção

Obs.: O pequeno crescimento percentual verificado no período compreendido entre 1940 e 1950, deve-se ao desmembramento do município de Vitória, que cedeu ao município da Serra, 69,4% do seu território (184 km² dos 265 km² que possuía em 1940), ou seja, toda a região do Planalto de Carapina.

* Funcionário do Banco do Brasil, pesquisador e escritor.

Veremos, a seguir, vários aspectos da evolução populacional de Vitória, ao longo de quatro décadas e cinco Recenseamentos Gerais do Brasil, entre 1940 e 1980. Em virtude do não fechamento dos dados referentes ao Recenseamento Geral de 1991, ficou prejudicada a inclusão de elementos dele oriundos, o que daria uma visão mais próxima da realidade atual. O único dado disponível, como demonstra a tabela da página anterior, foi a população total, classificada por sexo, que confirmou a manutenção das diferenças entre os sexos, uma constante nos seis Censos abordados, bem como nos anteriores, que não foram objetos desse pequeno estudo.

II - Pirâmides Populacionais

Ao analisarmos a evolução da população de uma determinada região, a pirâmide populacional pode nos dar um variado leque de interpretações. Montada a partir da divisão da população por sexo e faixas etárias (geralmente, faixas de 5 anos), pode demonstrar as condições pelas quais vai de desenvolvendo a população da região em estudo.

No tocante às pirâmides populacionais do município de Vitória, construídas a partir de dados coletados junto aos Recenseamentos Gerais do I.B.G.E. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) referentes aos anos de 1960, 1970 e 1980 (os Recenseamentos Gerais de 1940 e 1950 não apresentam a população dos municípios divididas por faixa etária), podemos notar, na primeira pirâmide relativa ao Censo de 1960, (ver anexos), tratar-se de uma população jovem, dado seu formato, de base ampla, representando maior percentual de pessoas nas faixas mais jovens da população, e que vai se estreitando, gradativamente, a cada faixa etária.

Já na pirâmide populacional obtida com dados oriundos do Censo Demográfico de 1970, o perfil da população se altera um pouco: mantém a característica de uma população jovem, no que tange à parte masculina da população, enquanto a parte feminina passa a demonstrar uma tendência ao envelhecimento, onde a base passa a ter um percentual menor de participação, em relação a outras faixas etárias.

Essa tendência ao envelhecimento da população é confirmada, tanto no masculino quanto no feminino, pela pirâmide populacional gerada pelos dados do Censo Demográfico de 1980. Essa é uma primeira análise,

levando-se em conta apenas o aspecto visual das pirâmides populacionais.

No entanto, ao conjugarmos as pirâmides populacionais com os números absolutos da população, podemos tirar daí outras conclusões:

Selecionando, por exemplo, a faixa etária de 15 a 19 anos (Censo Demográfico de 1960) (ver tabela abaixo), obtemos um total de 3.831 homens e 5.094 mulheres. Passando para o Censo Demográfico de 1970, e considerando que essa mesma faixa etária envelheceu 10 anos (passa para a faixa de 25 a 29 anos), vemos que os números aumentam para 4.439 homens e 5.385 mulheres, fenômeno que torna a se repetir no Censo Demográfico de 1980 (agora na faixa de 35 a 39 anos, envelhecida mais 10 anos), onde apresentam-se 5.446 homens e 5.979 mulheres.

Esse fenômeno se repete da mesma maneira para a grande faixa etária que compreende as idades de 0 a 34 anos (Censo Demográfico de 1960), de 10 a 44 anos (Censo Demográfico de 1970) e de 20 a 54 anos (Censo Demográfico de 1980).

Dessa análise, podemos afirmar que houve um aumento artificial da população, proveniente da entrada de grandes contingentes populacionais, oriundos do êxodo rural iniciado no final da década de 1950, e que teve continuidade no princípio da década de 1960, com a erradicação dos cafezais, bem como do surto industrializante do final dessa mesma década e princípio da década seguinte.

Podemos afirmar, ainda, nessa análise conjunta, que a idade máxima do migrante é de 55 anos (45 anos, no Censo de 1960), uma vez que a partir dessa faixa etária, a população mantém ritmo declinante, em números absolutos. Isso atesta que as pessoas idosas não migram facilmente, mantendo-se fiéis ao seu lugar de origem, deixando a árdua tarefa da migração para as gerações mais novas, as quais ainda têm chance de conseguir algum progresso, podendo lutar por um lugar no competitivo mercado de trabalho da cidade grande.

Apesar do forte surto migratório observado no município de Vitória, a faixa mais nova da população (de 0 a 5 anos), tem tido sua participação relativa na população diminuída Censo a Censo (15,06%, em 1960, 12,60%, em 1970 e 12,37%, em 1980), o que vem a significar uma diminuição efetiva na taxa de natalidade do município.

População de Vitória, por sexo e grupo de idade

Idades	1960		1970		1980	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
00-04	6391	6164	8499	8265	12932	12760
05-09	5167	5038	8841	8695	10356	10299
10-14	4604	4825	7942	8804	10411	10924
15-19	3831	5094	7043	9278	11993	13930
20-24	3711	4631	6174	7371	11704	13446
25-29	3529	4051	4439	5385	9080	10377
30-34	2901	3006	3996	4578	6815	7660
35-39	2095	2360	3791	4135	5446	5979
40-44	1707	1948	2995	3220	4773	5477
45-49	1494	1678	2622	2774	4179	4717
50-54	1499	1483	1942	2261	3580	3814
55-59	1020	1034	1322	1577	2430	2660
60-64	815	728	1234	1270	1693	2112
65-69	608	602	920	1049	1263	1745
70-...	553	784	1086	1369	1884	2725
Ignor.	17	18	70	72	276	307
Totais	39942	433444	62916	70103	98815	108932
Município	83386		133019		207747	

III - Outros Aspectos

Em termos de cor da população de Vitória (ver tabela abaixo), a predominância é a cor branca, que corresponde a mais da metade da população, apesar de vir diminuindo Censo a Censo: no Censo de 1940, englobava 57,57% da população, percentual esse que caiu para 52,91%, no Censo de 1980. Consequentemente, há um aumento constante das pessoas tidas como pardas (mestiças), que, do percentual de 27,04% apontado pelo Censo de 1940, passou para o percentual de 38,17% (aumento de 41,16%) da população do município, no Censo de 1980. Em contraposição, está o número relativo das pessoas de cor negra, uma vez que, do percentual de 15,24%, apresentado no Censo de 1940, vemos esse número reduzido para 8,30% no Censo de 1980, uma queda de 45,6%, no

tocante à participação relativa na população do município.

As pessoas de origem asiática (amarelas, para os Censos), têm uma participação mínima global da população, apesar de ter triplicado sua participação relativa, nos 40 anos abrangidos por esse pequeno estudo.

Com a diminuição constante dos contingentes branco e negro, e o aumento contumaz do contingente pardo (mestiço), podemos afirmar que, em breve, a predominância de cor no município de Vitória será parda, comprovando o alto índice de miscigenação, fenômeno observado também a nível nacional, o que deverá, de futuro, acabar com os poucos problemas de preconceito racial ainda existentes no Brasil.

População de Vitória, pela cor de seus habitantes

Cor	1940	Perc.	1950	Perc.	1960	Perc.	1980	Perc.
Branços	26029	57.57	27482	53.97	43122	51.74	109913	52.91
Negros	6889	15.24	5369	10.54	9671	11.60	17240	8.30
Pardos	12227	27.04	17968	35.29	30516	36.61	79291	38.17
Amarelos	26	0.06	14	0.03	6	0.01	330	0.16
S.Declar.	41	0.09	89	0.17	36	0.04	962	0.46
Totais	45212		50922		83351		207736	

No concernente à fé religiosa (ver tabela abaixo), predomina, no município de Vitória, a religião católica, apesar de vir perdendo fiéis, quando se trata de números relativos, uma vez que atingia o percentual de 92,2% quando da realização do Censo Demográfico de 1940, tendo sido esse número reduzido para 83,6%, por ocasião do Censo Demográfico de 1980. Era essa, também, a tendência das religiões espíritas, aí incluídas, tanto as kardecistas quanto as afro-brasileiras, que tiveram seu contingente relativo reduzido de 2,6% (Censo de 1940), para 1,5% (Censo de 1980). Compensando essas duas tendências de queda, e contando com a proliferação de diversas seitas (Assembléia de Deus, Deus é Amor, entre outras), as chamadas religiões protestantes praticamente triplicaram sua participação relativa, uma vez que possuíam, segundo o Censo Demográfico de 1940, 3,6% dos fiéis do município, elevando esse número para 10,2% no Censo de 1980.

Também marcante é a evolução dos vitorienses (natos ou não), que se dizem sem religião. Apresenta a maior expansão relativa no período em pauta, pois de poucos 0,3% apontados pelo Censo de 1940, elevou-se para 3,2% da população, no Censo de 1980, um aumento de quase 11 vezes, em 40 anos.

População de Vitória, pela sua prática religiosa

Religião	1940	Perc.	1950	Perc.	1960	Perc.	1970	Perc.	1980	Perc.
Católicos	41689	92.21	46635	91.58	74962	89.94	114130	85.80	173691	83.61
Protest.	1627	3.60	2180	4.28	5571	6.68	13294	9.99	21211	10.21
Espíritas	1193	2.64	1435	2.82	1708	2.05	2065	1.55	3180	1.53
Outras	449	0.99	217	0.43	457	0.55	1009	0.76	2177	1.05
S.Religião	135	0.30	337	0.66	599	0.72	2503	1.88	6667	3.21
S.Declar.	119	0.26	118	0.23	54	0.06	18	0.02	810	0.39
Totais	45212		50922		83351		133019		207736	

São poucos os estrangeiros residentes em Vitória (ver tabela abaixo), mesmos os naturalizados. Esse dois segmentos, juntos, somam, no Censo Demográfico de 1980, 0,66% da população (no Censo de 1940, esse percentual atingia o total de 2,89%, ainda reflexo das correntes imigratórias do final do século passado e princípio deste), tomando Vitória uma cidade habitada por 99,34% de brasileiros natos.

População de Vitória, pela nacionalidade de seus moradores

Nacional.	1940	Perc.	1950	Perc.	1960	Perc.	1970	Perc.	1980	Perc.
Bras.Natos	43900	97.10	49947	98.08	82500	98.98	132200	99.38	206308	99.31
Naturaliz.	249	0.55	209	0.41	176	0.21	157	0.12	260	0.13
Estrang.	1060	2.34	712	1.40	652	0.78	656	0.49	1105	0.53
S.Declar.	3	0.01	54	0.11	23	0.03	6	0.01	63	0.03
Totais	45212		50922		83351		133019		207736	

Esses brasileiros são oriundos de todos os estados do país (ver tabela na página seguinte), com exceção de apenas 1, o estado de Roraima, que, nos Censos Demográficos de 1960, de 1970 e de 1980, não mantinha representação em solo vitorienense. Em compensação, 11,24% dos moradores de Vitória provinham de Minas Gerais, segundo apurou o Censo Demográfico de 1980, percentual esse que praticamente duplicou em 20 anos, quando se fixava em 5,91% da população residente. Esse grande aumento de mineiros causou a diminuição relativa dos capixabas, que viram sua participação se reduzir de 85,75%, em 1960, para 78,78%, em 1980. Além de Minas Gerais, outros dois estados participam de forma significativa da constituição da população de Vitória: o Rio de Janeiro (3,58%) e a Bahia (2,67%), conforme os dados do Censo de 1980, mas que confirma a tendência dos dois Censos anteriores. A participação dos outros estados apresenta números inferiores a 0,9%.

Brasileiro natos, por estado de origem

Estado	1960	Perc.	1970	Perc.	1980	Perc.
Rondônia	4	0.00	3	0.00	14	0.01
Acre	5	0.01	9	0.01	12	0.01
Amazonas	24	0.03	55	0.04	83	0.04
Roraima	0	0.00	0	0.00	0	0.00
Pará	49	0.06	96	0.07	341	0.17
Amapá	1	0.00	4	0.00	4	0.00
Maranhão	38	0.05	67	0.05	161	0.08
Piauí	17	0.02	44	0.03	232	0.11
Ceará	223	0.27	317	0.24	564	0.27
R.G.Norte	118	0.14	187	0.14	349	0.17
Paraíba	222	0.27	264	0.20	582	0.28
Pernambuco	301	0.36	425	0.32	810	0.39
Alagoas	560	0.68	546	0.41	598	0.29
F.Noronha	6	0.01	6	0.00	11	0.01
Sergipe	410	0.50	504	0.38	357	0.17
Bahia	1133	1.37	2058	1.56	5503	2.67
M.Gerais	4872	5.91	11055	8.36	23195	11.24
Es.Santo	70746	85.75	112060	84.77	162523	78.78
R.Janeiro	1234	1.50	2189	1.66	7389	3.58
Guanabara	1315	1.59	1449	1.10		
São Paulo	304	0.37	433	0.33	1856	0.90
Paraná	54	0.07	85	0.06	452	0.22
S. Catarina	48	0.06	69	0.05	108	0.05
R.G. Sul	131	0.16	127	0.10	481	0.23
Mato Grosso	31	0.04	64	0.05	49	0.02
M.Grosso Sul					92	0.04
Goiás	32	0.04	48	0.04	148	0.07
Distr.Federal	3	0.00	36	0.03	178	0.09
S.Especf.	137	0.17			216	0.10
Exterior	482	0.58				
Totais	82500		132200		206308	

Entre a população de maiores de 15 anos (ver tabela abaixo), aumentou o número percentual de pessoas casadas, que era de 47,65%, no Censo de 1940 e passou para 51,66%, no Censo de 1980. Em consequência, diminuiu o número de pessoas solteiras, que caiu de 42,42%, no Censo de 1940, para 39,02%, no Censo de 1980.

Aumento significativo ocorreu entre as pessoas separadas (mais de 5 vezes), pois, se, no Censo de 1940, somente 0,59% da população era

separada, o Censo de 1980 apresenta o percentual de 3,13% para essa categoria de estado civil. Isso ocorre em virtude da liberalização dos costumes, ocorrida com a Revolução Sexual da década de 1960.

Já entre as pessoas viúvas, ocorre uma queda acentuada no período dos 40 anos tabulados, pois, do percentual de 9,29%, apontado no Censo de 1940, há uma redução para 4,93%, no censo de 1980. Apesar dessa redução, não diminuiu, mas até aumentou, a proporção das viúvas em relação aos viúvos, que era de 81%, em 1940, aumentando para 88,8% em 1980. Esses dados comprovam a menor expectativa de vida do homem em relação à mulher, notadamente quando existe um progresso acelerado, como ocorreu em Vitória, nos últimos 30 anos.

População de Vitória, pela estado civil de seus moradores

Est.Civil	1940	Perc.	1950	Perc.	1970	Perc.	1980	Perc.
Solteiros	11447	42.42	14408	44.05	33870	41.38	54612	39.02
Casados	12859	47.65	15412	47.12	41121	50.24	72300	51.66
Separados	160	0.59	59	0.18	2148	2.62	4376	3.13
Viúvos	2508	9.29	2761	8.44	4687	5.73	6899	4.93
S.Declar.	11	0.04	66	0.20	25	0.03	1759	1.26
Totais	26985		32707		81851		139946	

Esses dados reforçam a tese do envelhecimento da população, ao longo do período, pois houve um aumento no percentual de pessoas casadas e viúvas, em detrimento das pessoas solteiras, o que significa, também, uma queda nos índices de natalidade.

Confirmamos ainda mais essa tese de envelhecimento, ao observarmos a tabela a seguir:

População economicamente ativa

Idades	1960	Perc.	1970	Perc.	1980	Perc.
00-14	32189	38,60	51046	38,38	67682	32,58
15-64	48615	58,30	77407	58,19	131865	63,47
65-...	2547	3,05	4424	3,33	7617	3,67
Ignor.	35	0,05	142	0,10	583	0,28
Totais	83386		133019		207747	

Observamos uma diminuição da faixa de 0 a 15 anos (comprovando a diminuição da taxa de natalidade), com o conseqüente aumento da faixa

economicamente ativa (de 15 a 64 anos), aumento esse que, com toda certeza, teria levado aos índices de desemprego observados durante a década de 1980 e nessa primeira metade da década de 1990.

Os aumentos da faixa de inativos (acima de 65 anos) demonstram, também, um aumento da expectativa de vida da população, pois um número crescente de pessoas tem conseguido atingir a aposentadoria, e também a faixa etária acima de 65 anos.

IV - Conclusão

São poucos os aspectos abordados nesse pequeno estudo, mas já é possível se ter uma idéia de como evoluiu a população do Município de Vitória, ao longo de quatro décadas e cinco Recenseamentos Gerais do I.B.G.E., sua tendência ao envelhecimento, alguns motivos da queda da taxa de natalidade, da taxa de mortalidade, do aumento da expectativa de vida, sua composição étnica, sua fé religiosa, sobre os migrantes que aqui foram recebidos, grupo do qual faço parte, e sobre sua situação civil.

No entanto, esses poucos dados aqui coligidos são suficientes para nos mostrar o enorme crescimento populacional ocorrido na capital (o qual se repete na chamada Grande Vitória), quando, só no município de Vitória, tivemos, entre 1940 e 1980, um incremento populacional da ordem de 359,47% o que equivale a quase quatro vezes a população de 1940 (esses números crescem para 471,18% - quase 5 vezes -, se considerarmos o período de 1940 a 1991).

Esses números nos fazem entender a crescente favelização da capital e municípios adjacentes, para onde acorreram, segundo o último Censo Demográfico (1991), 49,9% da população do Estado (ver tabela), população essa que deixa os campos, integrantes do êxodo rural, e vem se fixar na capital e adjacências, à procura de melhores condições de vida, e acabam encontrando, na realidade, exatamente o contrário.

Censo	G.Vitória	Dens.Dem.	Vitória	Dens.Dem.
Ano	% do Est.	hab/km2	% do Est.	hab/km2
1940	12,20	61,09	6,02	170,61
1950	12,87	75,93	5,91	628,67
1960	16,61	133,00	7,12	1.029,02
1970	24,13	264,20	8,31	1.642,21
1980	34,89	483,33	10,25	2.564,64
1991	40,91	783,86	9,94	3.188,19

Apesar de a participação percentual do município de Vitória, no total do Estado, ter diminuído, sua densidade demográfica tem aumentado de forma assustadora, superando inclusive várias capitais brasileiras, como Porto Alegre (2.583,31 hab/km2) e Curitiba (2.983,55 hab/km2), e se aproximando de outras, como Rio de Janeiro (4.557,46 hab/km2) e Fortaleza (4.697,42 hab/km2).

Esse inchaço do município de Vitória vem ocorrendo desde a década de 1920, e, apesar de vir perdendo sua força ao longo dos Censos, levou Vitória a um crescimento artificial e mesmo desordenado, o que, nos últimos anos, vem acarretando sérios problemas de moradia, saúde, escolaridade, desemprego e segurança, o que, obviamente, leva a uma piora na qualidade de vida, em que pesem todos os benefícios e confortos da vida moderna. São os ônus do progresso, aos quais toda grande cidade está sujeita, mas que, bem administrada, pode superá-los até com relativa facilidade, tornando-se um lugar agradável de se viver.

A ilha que sonha ser continente

Renato Pacheco *

E porque a defesa contra os infiéis e gentes da terra era mais fácil, e porque as águas eram boas e as pescarias muitas, e porque seus campos eram amenos e as matas plenas de aromas, Vasco Fernandes Coutinho resolveu mudar a sede da Capitania do Espírito Santo para a Ilha de Santo Antônio, sua doação a Duarte de Lemos.

Porém, muito tempo se passou antes que uma ponte (sonho também de Desterro, em Santa Catarina ou de São Luís, no Maranhão) ligasse a Capital ao continente.

Saint-Hilaire relata que (o norte) "tem tido comunicação com a ilha através de uma ponte de madeira sobre o braço do mar, no lugar chamado Passagem de Maruípe". Mas, adverte o viajante que, no sul, onde estava o grosso da população "o estorvo de atravessar a água faz com que, dos arredores, se tragam à vila poucos legumes e outras provisões".

Entrementes, a Lei Provincial nº 16 de 1858, autorizou a construção de ponte que partindo da Capital "vá ter ao Porto Velho ou Itacibá, reservando-se para isto o auxílio de 1% sobre todos os gêneros de cultura exportadores e a extração de uma loteria". Ou os gêneros eram poucos, ou a sorte madrastra, o certo é que essa ponte nunca foi construída, o que, de resto, também ocorreu com aquela de que o Arquivo Público Estadual guarda o projeto ligando o Penedo ao Forte de São João.

Foi só em 27 de junho de 1928, poucos dias antes de deixar o governo, que o benemérito Florentino Avidos inaugurou a ponte metálica há tanto esperada, que o povo apelidou de Cinco Pontes, e que ostenta hoje o nome do construtor. Em verdade, eram duas pontes: a primeira, com o aterro do canal virou viaduto, ligando a Vila Rubim à ex-ilha do Príncipe; a segunda com 5 vãos, vem, firme e forte, assegurando (embora morosa-

** Professor, romancista e poeta. Presidente de Honra do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.*

mente, às vezes) o tráfego de veículos entre a Capital e o Continente. As estruturas metálicas foram construídas na Alemanha, com a fiscalização do grande engenheiro capixaba Moacir Avidos, sendo possível sua duplicação, e os vãos foram montados em hora de maré enchente, para grande espanto da população vitoriense.

O crescimento do centro urbano da cidade, que tem seu ponto-chave no período 1945-1955, com a verticalização de nossas construções, exigiu se erigisse nova via de escoamento, a qual se iniciou, em 1973, pelo DER/ES em convênio de participação com o DNER/MT.

É a chamada segunda ponte (na realidade a quarta) de que a autarquia estadual construiu 109 metros de superestrutura, sobre o aterro da ilha. Na época o povo, supremo juiz, com sua verve apelidou-a de Ponte do Gato, pois se recusava a entrar n'água.

Em 1975, o DNER/MT assumiu a direção da obra, concluindo sua primeira etapa, com 693 metros de ponte, 385 metros de viaduto, 190 metros de alça de descida e 240 metros de alça de subida, além de um trevo de acesso à BR-262. Durante essa fase dos trabalhos, o capixaba, enriquecendo seu folclore, batizou-a de Ponte do Pato, pois entrara, finalmente n'água, e mais tarde de Ponte Epilética, pois "dava acesso", faltando ainda um vão central, de difícil construção.

Diante da descrença de muitos, porém com a perseverança e competência das equipes construtoras, agora que esta ponte é aberta ao tráfego, devemos lembrar quanto de verbas, de cérebro, de suor e de sangue estão imortalizados na obra, que é minha, é sua, é de todos os brasileiros.

As pontes são traços-de-união e artérias por onde circulam seres humanos, com seus vícios e virtudes, com seus amores e ódios, com seus desejos e esperanças. E desse elo surge uma corrente orgânica que sintetiza a vontade de progresso de um povo altivo que não se abate diante de dificuldades momentâneas e tem confiança nos dias futuros. E, quando novas pontes vierem, não se saberá, ao certo, o que é ilha e o que é continente.

**Este pequeno texto histórico-poético foi escrito, a convite do Engenheiro Victorino Teixeira, então Diretor Regional do DNER/MT, especialmente para o "folder" comemorativo da inauguração da Ponte do Príncipe, a chamada Segunda Ponte, em 1979. Depois disto veio a Terceira Ponte, que ninguém chama pelo nome oficial Deputado Castelo de Mendonça, e por certo outras pontes virão, quem sabe aquela autorizada em 1858, ligando Santo Antonio a Itacibá, um nadinha de braço de mar? Vitória continua sonhando ser continente.*

O clima de Vitória

Ricardo Brunow Costa *

I - Breve histórico do progresso na área climática

A observação e o entendimento dos fenômenos atmosféricos sempre foram uma preocupação para o homem, haja visto que há comprovação disso nos primeiros fragmentos de escrita encontrados assim como nos cultos às divindades associadas aos aludidos fenômenos. Aristóteles escreveu um tratado de Meteorologia, claro, com os conhecimentos ainda precários da época. Durante muitos e muitos séculos o entendimento e a explicação dos fenômenos atmosféricos e do clima tiveram que esperar pelo avanço científico e pela invenção do instrumental destinado ao estudo físico da atmosfera. Assim tivemos o termômetro (Galileu, em 1607) e o barômetro (Torricelli, em 1643) e a melhor compreensão da natureza do ar atmosférico (Lavoisier, em 1783).

No século passado tanto a Meteorologia como o estudo do clima tiveram uma maior atenção com a organização de uma rede de estações observadoras com o instrumental necessário para assinalar as características do tempo e do melhor conhecimento do clima.

Com o advento da aviação houve necessidade de aceleração do progresso da Meteorologia tendo tal fato trazido benefício também para a Climatologia. Descobriu-se a existência de ventos que sopram em altitudes mais elevadas que os alísios, nos dois hemisférios do nosso planeta. Na década de 20 a escola norueguesa introduz na Climatologia o conceito de massas de ar e frentes. Em 1940 foi descoberta a existência do que hoje chamamos de corrente de jato (jet-stream) nas mais altas camadas da troposfera (10 a 12 km). Intensificou-se o emprego dos balões-sonda e rádios-sonda para medições dos fenômenos atmosféricos. Desde a década

* Geógrafo

de 60 os Estados Unidos começaram a usar satélites artificiais a fim de obter informações e visualização dos deslocamentos das massas de ar e de toda a circulação atmosférica, em escala planetária, o que vem ajudando muito na melhor previsão do tempo por um período mais longo como, também, auxiliando no estudo do clima.

À Climatologia interessa estudar e compreender a atmosfera em contato com o relevo terrestre e para isto depende de dados fornecidos pelas estações climatológicas, de dados relativos a fatores geográficos e cósmicos. É uma ciência de caráter antropocêntrico, pois dela o homem tem elementos para planejar suas atividades em todos os campos: agricultura, pecuária, indústria, turismo, esportes, lazer, viagens, tipos de alimentação, etc.. O clima interfere sobre o homem muitas vezes limitando ou dificultando suas atividades e, em outros casos, favorecendo-o. Não só o homem mas todo o ser vivo sofre influência do clima, desde os organismos vegetais e animais mais inferiores até os mais desenvolvidos.

Não existe uma classificação climática perfeita que sirva para todo o Globo. Várias são as classificações que foram engendradas por especialistas principalmente a partir de fins do século passado até o presente, embora, na verdade, não exista nenhuma que não mereça um reparo, uma crítica, quando usada na prática. Entre os muitos autores de renome estão J. Hann, W. Köppen, Max. Sorre, De Martonne, Austin Miller, Thornthwait, Trewartha, Gaussen, Carl Troll, Meynier. Cada uma das classificações tem o seu critério próprio que não cabe aqui ser analisado. Hoje em dia, cada vez mais, são incorporados os novos conhecimentos advindos dos conceitos de massa de ar e de frentes, nas classificações climáticas.

Simplificando, podemos dizer que massa de ar é uma "extrema porção da atmosfera que apresenta no sentido horizontal temperatura e umidade relativamente homogêneas". Quanto às frentes elas são o resultado do encontro de duas massas de ar diferentes quanto à origem e às características físicas, correspondente a uma superfície descontínua, de largura variável, sendo, assim, uma zona de transição que apresenta perturbações atmosféricas.

II - O Clima de Vitória

Depois de feitas todas essas considerações que julgamos importan-

tes vamos, agora, apresentar um panorama geral do clima em nossa cidade de Vitória. Em rápidas pinceladas vamos primeiramente mostrar o que ocorre no nosso Estado quanto às massas de ar.

Estando situado em plena zona tropical o nosso Estado está sob a influência, durante o transcorrer das estações do ano, das massas de ar Tropical atlântica (mTa), Equatorial atlântica (mEa) e Equatorial continental (mEc). Claro que somos atingidos também, por invasões, principalmente no inverno, de ar polar proveniente da massa Polar atlântica (mPa), invasões essas que são realizadas de maneira intermitente, fazendo com que nós capixabas tremamos de frio por alguns dias, para, em seguida, experimentarmos um aumento da temperatura e, novamente, depois de dias ou semanas, sermos golpeados por outra onda de frio proveniente do sul do país, acompanhada do conhecido vento sul.

Todos esses deslocamentos das massas obedecem a vários parâmetros de ordem natural, os quais, para simplificarmos, têm origem nas diferenças de temperatura das águas oceânicas e das terras continentais, com seus diferentes índices de absorção e reflexão do calor oriundo do Sol. No verão a massa Equatorial continental ocupa grande parte do território brasileiro, atingindo o oeste de nosso Estado. Parte do mesmo fica sob o domínio da massa Tropical atlântica. No outono temos a influência da massa Equatorial atlântica no norte e da massa Tropical atlântica ao sul do Estado. No inverno permanecemos mais sob o domínio da massa Equatorial atlântica. Na primavera o território estadual é submetido à massa Tropical atlântica.

Isso é apenas um esquema pois não podemos esquecer que a atmosfera é uma e, perturbações mesmo longínquas podem afetar aqui e ali, o equilíbrio dessa grande esfera de ar dentro da qual estamos mergulhados, vivendo na sua camada mais inferior, junto à superfície terrestre, a troposfera.

Queremos, antes de começar a análise sucinta dos vários elementos do clima de Vitória, chamar a atenção do leitor para o fato de que embora apresentemos cada elemento tratado separadamente, o fazemos para efeito de ordem didática, uma vez que, na verdade, todos esses elementos interpenetram-se, interagem-se, disso resultando um mecanismo complexo que tem por motor central o Sol. Aliado a esses denominados elementos do clima temos que juntar os fatores climáticos que, por sua vez, vão influir em todos esses elementos e aumentar, ainda mais, a complexidade do clima local. Esses fatores climáticos são, no caso de Vitória, sua latitude - 20° 19' 09" S - portanto, região tropical; sua altitude (nível do mar); sua maritimidade (a cidade está junto ao mar sofrendo sua influência direta);

sua posição e localização em relação ao Continente, ou seja sua continentalidade; a proximidade de correntes marinhas que vão influir no comportamento do clima (no caso de Vitória, a corrente quente do Brasil); o relevo montanhoso com áreas planas intercaladas; a vegetação, no passado não tão longínquo, formava uma bela floresta tropical nos morros, enquanto nas áreas planas predominavam os mangues (*Rhizophora mangle*, *Laguncularia racemosa*, *Avicennia tomentosa*) e as restingas (com uma variedade enorme de plantas). Enfim, todas essas variáveis fornecidas pelos elementos e fatores do clima devem ser analisados e acrescentados a outros mais, como a própria intervenção do homem no meio físico, graças à sua ação cada vez maior sobre a Natureza. A par disso tudo devemos considerar também a atividade solar que bombardeia de maneira incessante a atmosfera fazendo com que o clima de uma região se traduza por uma notável complexidade.

Vamos nos deter no que conhecemos sob a denominação de elementos do clima e, no caso em questão, nos elementos do clima da nossa cidade de Vitória. Esses elementos que são estudados no âmbito da Climatologia Física podem ser resumidos em: Pluviosidade, Temperatura, Ventos, Evaporação, Umidade Relativa, Nebulosidade, Insolação, Pressão Atmosférica e Massas de Ar (já fizemos referências linhas atrás). Um estudo mais completo sobre elementos do clima, com gráficos e tabelas, está no nosso trabalho, "Adversidades Climática em Vitória?"

- a - Temperatura - Tendo ação importante na nossa sensação de bem-estar a temperatura é dos mais importantes elementos do estudo do clima. Ela dá o "tom" do clima de uma região e por isso o povo emprega o conceito de temperatura como sendo o de clima, simplificando, por demais, o sentido científico que lhe é atribuído. Nós, habitantes de Vitória, sentimos o que costumamos chamar de dias desagradáveis em que transpiramos por todos os poros; ou, ao contrário, quando experimentamos a sensação de frio, quando da penetração das massas de ar frias vindas do quadrante sul, atingindo nossa cidade. A temperatura, assim, pesa muito para ajuizarmos se uma região é ou não agradável para ali vivermos ou trabalharmos. Mas, como dissemos, os elementos do clima não agem isoladamente, eles se interagem. Por isso a temperatura média de Vitória é grandemente influenciada pela umidade relativa alta e pelos ventos (ver adiante). Os anos de temperaturas médias compensadas mais baixas

ocorridos em Vitória foram os de 1924 e 1943, com 22,6° C e 22,5° C, respectivamente; em contrapartida os anos que tiveram as médias compensadas mais altas foram os de 1968 e 1987, com 24,7°C e 24,9°C. Vivemos num clima de temperatura amena em que a média anual está em torno de 23,5°C. Em estudo que realizamos (Adversidades Climáticas em Vitória?), evidenciamos que a tendência verificada a partir de 1924 até nossos dias foi de que houve um aumento gradual das temperaturas médias compensadas na nossa capital de cerca de mais de 2°C. A explicação para tal fenômeno poderá ter causas das mais variadas: o efeito estufa que atinge todo o Globo; aventamos para o caso específico de Vitória, o seu crescimento acelerado tanto horizontal como verticalmente falando; a inchação da cidade pela constante e crescente chegada de imigrantes (êxodo rural); o aumento rápido do número de construções de todos os tipos, inclusive abertura de ruas e seu calçamento e asfaltamento por toda a Grande Vitória; o desmatamento por toda a região; o aumento exagerado do número de veículos; etc. O solo desnudado torna-se superaquecido graças à incidência dos raios solares próximos do ângulo de 90°, em meses de verão tropical, mormente quando esse solo está sem cobertura vegetal. Daí resulta uma forte irradiação, contribuindo deste modo para o aumento da temperatura local. Concluindo, com o crescimento da cidade, com o desmatamento, a abertura de logradouros, o calçamento e asfaltamento, novos bairros surgiram e surgem a cada dia (consoante nosso trabalho "Expansão Urbana da Área Norte de Vitória"). Quantos quilômetros quadrados de superfície de alto poder de irradiação calorífica foram acrescentados em todos estes anos?

- b - Pluviosidade - Também de grande relevo na caracterização do nosso clima de Vitória é, sem dúvida, a pluviosidade, tanto no que diz respeito à quantidade precipitada como pela sua distribuição no transcorrer do ano. Constatamos que há uma maior concentração de pluviosidade nos meses - novembro a março - coincidindo com as temperaturas médias mais altas do ano. Embora o valor da queda pluviométrica anual seja, variável podemos situá-la em torno de 1.300mm. Há um período do ano que consideramos como subseco, o qual está

compreendido entre junho e agosto, com menor índice pluviométrico neste último mês.

c - Ventos - No estudo dos ventos três são os aspectos principais a serem considerados: velocidade, frequência e direção. Vitória está sob a influência principalmente dos ventos de Nordeste, Norte, Sudoeste, Sul e Leste. Observar o quadro abaixo:

Vento Nordeste	de 2 a 3 m/s = 7,2 a 10,8 km/h frequência =	2,5%
	de 4 a 5 m/s = 14,4 a 18,0 km/h frequência =	1,5%
	de 5 a 6 m/s = 18,0 a 21,6 km/h frequência =	<u>23,0%</u>
		27,0%
Vento Norte	de 2 a 3 m/s = 7,2 a 10,8 km/h frequência =	2,0%
	de 3 a 4 m/s = 10,8 a 14,4 km/h frequência =	<u>14%</u>
		16,0%
Vento Sudoeste	de 4 a 5 m/s = 14,4 a 18,0 km/h frequência =	17,0%
	de 5 a 6 m/s = 18,0 a 21,6 km/h frequência =	<u>6,0%</u>
		23,0%
Vento Sul	de 4 a 5 m/s = 14,4 a 18,0 km/h frequência =	5,0%
	de 5 a 6 m/s = 18,0 a 21,6 km/h frequência =	<u>2,5%</u>
		7,5%
Vento Leste	de 2 a 3 m/s = 7,2 a 10,8 km/h frequência =	3,0%
	de 5 a 6 m/s = 18,0 a 21,6 km/h frequência =	<u>9,0%</u>
		12,0%

Do exame do quadro acima verificamos que os ventos que sopram dos quadrantes indicados são responsáveis pela frequência de aproximadamente 85,5% dos ventos que atuam sobre a nossa cidade. Depende muito do vento o fato de sentirmos mais ou menos calor ou de termos uma maior sensação de frio, uma vez que ele pode estar mais ou menos úmido, dependendo da época do ano, da presença de uma frente fria ou quente e, é claro, da própria velocidade do seu deslocamento. Nós, vitorienses que aqui vivemos e labutamos, bem conhecemos essas variações dos ventos aqui rei-

nantes e suas conseqüências, ora agradáveis ora bem desagradáveis.

- d - Insolação - Esta é traduzida pelo número de horas em que o Sol brilha no céu ora totalmente livre de nuvens ora parcialmente encoberto. Uma vez que vivemos numa cidade localizada em plena zona intertropical não é de admirar que o astro rei tenha presença rotineira em nossas vidas e, assim sendo, a insolação atinja um elevado número de horas anualmente. Mas não basta que estejamos na região tropical para termos a garantia de que o Sol brilhe durante a maior parte dos dias do ano. Existe a dependência do elemento nebulosidade, que é função do tipo de nuvem e da espessura do manto de condensação, de acordo com os períodos do ano e do tempo meteorológico. Nossa cidade tem uma insolação anual que está entre 2.000 a 2.400 horas. Os anos de maior insolação ocorridos foram os de 1934, com 2.639 horas e o de 1946, com 2.617 horas.
- e - Pressão atmosférica - Em análise que efetuamos de um período de 66 anos do comportamento dos elementos do clima de Vitória (in Adversidades Climáticas em Vitória?) constatamos que a média mínima naquele período foi de 1.009,2 mb no ano de 1959 e a máxima atingiu 1.016,0 mb em 1924. Os dados da pressão atmosférica são importantes na previsão do tempo, pois são indicadores dos deslocamentos de massas de ar, como também são valiosos para a navegação aérea.
- f - Umidade Relativa - Estando inserida na região tropical e ocupando posição litorânea, Vitória, não fugindo à regra, tem elevada porcentagem de umidade relativa em quase todos os meses do ano. Em média, algo em torno de 75 a 87%, tendo atingido mesmo 90% no período compreendido entre setembro de 1977 a junho de 1980. Essa umidade relativa causa aos habitantes da nossa ilha certo desconforto quando a temperatura se apresenta mais alta nos meses de verão como, também, quando ocorre a invasão de ar frio carregado de umidade vindo do quadrante sul, nos meses de inverno.
- g - Nebulosidade - Numa escala que vai de 0 a 10 empregada

para o enquadramento da nebulosidade do céu, Vitória possui uma média anual entre 5,5 a 6,5. A tendência geral é da nebulosidade ser alta no início do ano, indo baixando, gradualmente, até meados dele para, em seguida, ir se elevando até atingir um máximo em dezembro. Seus efeitos práticos são evidentes tanto para os apreciadores do banho de sol, como para os meios de transporte aéreo, enfim, para toda atividade que exige a presença direta da luz solar.

h - Evaporação - Não podemos nos esquecer do elemento climático denominado evaporação. Esta é consignada em escala milimétrica. Como não poderia deixar de ser a tendência da evaporação é de se apresentar mais alta nos primeiros meses e no final do ano (70, 80 ou 90 mm). Isso ocorre devido ao fato de que as temperaturas médias mais altas estão presentes, exatamente, nos primeiros meses do ano, janeiro, fevereiro e março, como no último mês, dezembro. Devemos estar atentos para o fato de que a evaporação sofre grande influência dos ventos que, quanto mais fortes e constantes, vão aumentar a evaporação. Outrossim, a evaporação vai depender também da porcentagem de umidade contida nesses ventos (muito úmidos, úmidos, secos ou muito secos); da presença do Sol descoberto ou encoberto por camadas de nuvens pouco espessas ou muito espessas.

Concluindo, reafirmamos que o clima de um lugar é expresso pela interação e interdependência dos elementos do clima, dos fatores geográficos e cósmicos, constituindo um campo de estudo complexo.

Torta Capixaba: uma tradição secular

Yvonne Amorim *

Nesta época do ano, comandado pelas águas de março e por noites prateadas, há um movimento especial em todas as regiões da terra capixaba, desde o Palácio Archieta ao mais humilde barraco. Nas ruas e ladeiras, nos mercados, nos barcos de pescadores que se vão ao mar, no encontro de amigos, nas madrugadas, nos lares e nas cozinhas, vive-se em torno das celebrações da Paixão: aproximam-se os dias santificados de Quinta e Sexta-feiras Santas e com eles os preparativos para o único prato regional brasileiro, de cunho religioso cristão - a torta de Semana Santa!

A arte de temperar sem fugir às origens é uma característica da cozinha capixaba, que sem adotar os ingredientes que fazem a comida afro-brasileira, sabe dosar com equilíbrio muito pessoal, uma culinária das mais simples e saborosas.

A culinária capixaba tem a sua longa e pitoresca história a partir de 1535 - início da colonização - estreitamente ligada a fortes raízes indígena e portuguesa, embora a região norte registre a influência negra na alimentação, que a incidência maior de braço-escravo e a proximidade com a fronteira da Bahia esclarecem.

As características indígenas permanecem através dos tempos nos pratos à base de peixes, mariscos, crustáceos, palmito, caça em escala menor, milho, banana da terra, muita pimenta, cor de urucu e elevado consumo de farinha de mandioca.

Dos condimentos aqui introduzidos pelos colonizadores, Gabriel Soares de Souza nos dá conta em seu "Tratado Descritivo do Brasil em 1587" (veja "Notícia do Brasil" editada pelo MEC), registrando a participação marcante da mulher portuguesa, criando e adaptando as receitas trazidas do Reino aos produtos de que podia dispor na região. Com a mulher

* *Escritora e historiadora*

portuguesa e a negra cozinheira, nasceria então um receituário imenso com uma variedade enorme de manuês, quindins, bolos, doces do ovos e coco, doces de compoteira, licores, refrescos de frutas, biscoitos (especialidades das freiras nos Conventos). Quanto ao cuscuz e beijus, eles sofreram uma sofisticação com o leite puro e o bagaço de coco, fosse o preparo com a tapioca, a mandioca ou a puba (carimã). Nomes pitorescos surgiram como: Lábios de Moça, Lençol de Noiva, Colchão de Noiva, Espera Marido, Espumas Baianas, Creme de Virgens, Manjar do Céu, Beijos de Moça Bonita, Palminhas de Noiva e até Xixi de Moça no mais delicioso refresco com cascas fermentadas de abacaxi. No Espírito Santo, além desse receituário tradicional, surgiram características próprias com a genipapina e bolo Montanha de Neve - dos aniversários e dos casamentos - todo recheado em camadas e coberto inteiramente de suspiro e coco ralado. Na história da culinária capixaba, tanto em comidas de sal como doçaria, há uma galeria enorme de nomes até hoje respeitados pela contribuição que souberam dar a nossas tradições.

No século XIX com os imigrantes alemães e, especialmente, os italianos, além do indissolúvel casamento do feijão com a polenta, eles legariam novos hábitos alimentares, como o macarrão, o queijo parmesão, as carnes em conserva, os bolos de mel, nhoque, capelletti e o kuken substituindo a maçã por banana. Há cem anos aproximadamente chegariam os sírios e no decorrer do tempo o quibe foi se misturando ao bolinho de bacalhau e ao croquete de camarão.

Todos eles representam uma contribuição preciosa na história da alimentação capixaba, e também por uma questão de sobrevivência as pessoas tiveram que adotar e se adaptar a um outro tipo de alimentação, no seu dia-a-dia entre a roça e a casa. Mas isso não modificou a preferência da gente capixaba pela moqueca de peixe e de mariscos, por uma gostosa caranguejada ou mesmo a muma de siri, e tanta coisa mais que faz a presença indígena e a inspiração portuguesa. A convivência entre os de casa e os que vieram de fora transformou-se numa unificação de princípios entre capixabas, imigrantes e filhos de imigrantes.

Mais conhecida como Torta Capixaba, é o prato regional de maior importância e o seu preparo, segundo Guilherme Santos Neves, um estudioso do folclore, data, pelo menos, do século passado (Torta Capixaba, fls. 137), conforme anúncio da "Gazeta de Victória", edição de 28/03/1878: "Aos amantes das Tortas. Camarões secos na casa de negócio de Casilhas, a rua São Diogo" e mais adiante em 18/04/1878: "Alta novidade para Tortas e Empadas! Ver para crer na travessa Ouvidor 6 - antiga casa do Comendador Souro". As especialidades da época: "O bom Bacalhau, Azeite-doce,

vinagre de Lisboa, Cebolas grandes não esquecendo a boa pinga dos principais vinhos do Porto, engarrafado em barril. Lisboa muito bom. Virgem especial e muitos outros, que só a vista poderão ser apreciados pela sua qualidade. Tudo isto vende-se por preço muito módico na casa de Augusto Aguiar".

Os anúncios se referiam a "Freguesia da Semana Santa", e a tradição ficou. Capixaba que se preza, não deixa de preparar a sua torta ou fritada, assim chamada quanto não leva todos os ingredientes clássicos. Quem não mora mais em Vitória ou esteja viajando, dará sempre um jeito de chegar, mesmo na Sexta-Feira Santa, para saborear as últimas fatias da torta, com a família ou amigos.

No Rio, onde a colônia capixaba é numerosa há sempre alguém recebendo a remessa de torta e no Aeroporto Eurico Salles, o movimento de despachos de frigideiras ainda quentinhas assume grandes proporções, muitas para o Rio de Janeiro e outras cidades, sem falar nas centenas de capixabas e amigos, enfrentando o ônibus, automóvel ou avião com um único objetivo: comer a Torta Capixaba.

São muito poucos os dados sobre a antiga tradição da Torta Capixaba. Os escritores não se interessam pela arte tão difundida como estudada por Câmara Cascudo, em seus notáveis tratados de alimentação brasileira. Exceção se faça a Guilherme Santos Neves e Renato Costa Pacheco, ambos com trabalhos de folclore publicados, cujas informações importantes permitiram este nosso trabalho.

Nas regiões interioranas, a torta tem que ser preparada com os ingredientes de cada local: muito palmito (natural), bacalhau, peixe salgado e camarão seco. Já na região do Rio Doce, além de uma boa base de palmito, peixe salgado, pouquíssimo bacalhau, peixe frito, camarão, caranguejo e lagosta do rio.

Em Cachoeiro de Santa Leopoldina, cidade colonizada por alemães, tivemos a surpresa de recolher uma receita secular, preparada por Maria Laurinda Rúdio, beleza mulata e neta de escravos casada com um próspero comerciante alemão. O leite de coco se reúne tranquilamente ao palmito e frutos do mar, com a torta servida sempre na Quinta-Feira à tarde e na Sexta-Feira da Paixão. Várias tortas fazem o costume de Regência: uma com palmito e lagosta, outra apenas de camarão, uma terceira reunindo palmito, bacalhau e peixe salgado e a última com palmito e caranguejo. O vinho, sempre tinto, era importado ainda no início do século. Mas no século XIX um lindo ritual, tipo romaria, assinala esses comes e bebes em Regência, com início na noite de Quinta-Feira até ao amanhecer de Sexta-Feira Santa.

Servia-se a torta, com farinha e vinho, num rosário de visitas a que sempre aderiam os donos das casas após saborearem e participarem solenemente das comilanças em memorável noite de vigília. Em meados do século XIX o hábito de torta na antiga localidade Baunilha, se dividia em dois tipos: uma de palmito e a outra reunindo palmito, bacalhau, caranguejo, camarão seco e lagosta do rio. Mas o símbolo do imigrante já se fazia presente na polenta cortada com linha em cima de uma tábua.

O hábito da torta nunca foi assim intensivo em São Mateus. De forma mais simples e bem mais resumida, segundo depoimento de D. Zita Neves Andrade, com dois tipos de comidas de sal, que era fritada de palmito com bacalhau e empadão onde entre o palmito, sobras de escabeche, de moqueca, com muita pimenta cheirosa e malagueta. Come-se bastante torta nas casas e nos hotéis de Guarapari, de ótima qualidade. Nessa época, a Cidade-saúde tem lotação esgotada. Em todo o litoral é indispensável o preparo da torta.

O ponto alto de sua tradição está em Vitória e Vila Velha mas a verdadeira história ou significado muito pouca gente conhece. A Torta Capixaba é o único prato regional que obedece a um ritual religioso cristão, reunindo como principal base somente frutos do mar, durante a abstinência de carne recomendada pela Igreja. Para nós e para muitos, ela simboliza a Ceia do Senhor, tanto assim que o vinho servido é o tinto, também simbolizando o sangue de Cristo, em seu grande sofrimento durante a Paixão. Além desse importante significado a torta que reúne amigos e familiares, visitantes e forasteiros é uma espécie de traço de união ou mesmo um aperto de mão, porque estão presentes o simbolismo da fé, o desejo de paz e compreensão. É o espírito da Páscoa em toda a sua força, levando aquela mensagem de tolerância, passados tantos anos de tradições inesquecíveis.

Em Vitória e em Vila Velha as noites são de vigília e são sempre muito grandes os preparativos que antecedem de mais ou menos uma semana. Mas o hábito de presentear amigos com uma fatia ou trocando pedaços de tortas, além de ser seguido por Vila Velha e Vitória, atinge características de um comportamento geral.

Em Vitória, por exemplo, uma torta completa é preparada por muita dona de casa especialista no assunto, mas nenhuma receita é tão famosa como a de D. Otília Grijó, divulgada pelo órgão estadual de turismo e adotada por muitas cozinhas. Come-se a torta em Vitória Quinta-feira no almoço, jantar e ceia. Na Sexta-Feira, peixe salgado com banana da terra e a torta.

As movimentações da torta em Vila Velha registram a sua importân-

cia em famílias tradicionais, como na casa do desembargador Ferreira Coelho - o responsável pela fase inicial do progresso por que passou a cidade no princípio do século. De Vitória iam muitos convidados especiais, como as famílias Thieres Veloso, Des. João Thomé, Muniz Sodré, Adnet e a do presidente Henrique Coutinho. Também em casa de Antônio Queiroz, com D. Meninina Pacheco no comando culinário e não menos movimentados eram os preparativos da casa de Manduca Ferraz Coutinho - descendente do donatário da Capitania e o último do reduto da fase dos coronéis em Vila Velha. As reuniões se prolongavam por dois dias, com muitos comes e bebes regados ao melhor vinho tinto português, com noites de vigília no sobradão da Luciano das Neves.

Os preparativos tinham características de ritual e necessária se fazia a presença de muitos braços, como amigos, empregados e parentes vivendo toda aquela agitação. Eram sacos de estopa cheios de caranguejos, siris, berbigões, ostras e sururus que os empregados iam pescar, com dúzias e dúzias de palmitos carregados em carroça, camarões secos e lagostas, tudo para cuidar e preparar primorosamente para dias muito especiais de autêntica confraternização, entre amigos e familiares.

Segundo os antigos da Vila Velha, não existe Semana Santa sem luar ou noite clara. É justamente quando secam as marés que há fartura de mariscos. E até versos alusivos se cantavam para anunciar a Semana Santa com noite prateada de luar. Exatamente quando os caranguejos deixam seus buracos, para o seu passeio em cima do lamaçal dos mangues. Eles vão deixando as suas tocas, uma multidão de caranguejos que se atropela uns aos outros, esbarrando-se nas puãs. Dizem que eles vêm bater trevas e saudar a Páscoa e segundo o folclore trazem uma folhinha presa nas unhas, simbolizando a saudação ao Dia de Ramos.

A movimentação das tortas em Vila Velha tinha uma beleza maior com noites de vigília de muita simplicidade. Os familiares e amigos colocavam suas cadeiras nas calçadas onde sentavam-se para saborear esse prato dos deuses e esperar a saída da lua, isso durante a abstinência de carne no período da Semana Santa. Mais de um século de tradição faz a história e o folclore da Torta Capixaba. Muita coisa mudou, com o fogão a lenha substituído pelo a gás, e com o palmito natural sendo aos poucos transformado em produto industrializado. E a expressão "assar com brasas por cima" caiu por terra, mas felizmente o espírito de um todo não perdeu o seu conteúdo, muito pelo contrário permaneceu intacto o simbolismo da fé e de um momento de paz e fraternidade entre os homens.

A origem das panelas de barro do Espírito Santo é muito discutida, porque tem diferentes características de outras regiões, especialmente pelo

seu primitivismo. O fabrico é trabalho de mulheres e a "indústria essencialmente doméstica e manual" (Cadernos de Etnografia e Folclore - Renato Costa Pacheco). A pesquisa foi realizada em Goiabeiras, onde sobrevive essa pequena indústria, próxima ao Aeroporto da cidade e situada no continente. Como membro da Comissão Espírito Santense de Folclore, o autor desse importante trabalho tem muita coisa publicada. Ele afirma que o fabrico desses utensílios de barro "data, pelo menos, do século passado", podendo ser considerado afro-mesolítico que é a tese por ele defendida em seu trabalho acima citado:

"É processo mesolítico, cremos, pela falta de tomo e, sobretudo pela inexistência, quase absoluta, de adornos (nem cordel!) dos objetos fabricados. Quando muito o processo seria neolítico, ligeiramente modificado pela civilização contemporânea". Por trabalho anteriormente realizado pelo Dr. Aldemar O. Neves, sabe-se que o único cerâmico indígena no Espírito Santo foi localizado em Sapucaia, com origem étnica, comprovadamente tupi (Cerâmico de Sapucaia, pág. 3). A região de Goiabeiras foi habitada outrora pelos tapuias aimorés "que não conhecem a cerâmica" - afirma Artur Ramos em estudos antropológicos. Para Renato Pacheco "a técnica não é portuguesa", por seu primitivismo desprovido de qualquer prognóstico de arte e conclui ser angola-congolesa o trabalho "hoje realizado por mulheres afro-brasileiras" (com uma ou outra amostra de aculturação cabocla). Dessa forma há cem anos atrás o africano descobria e implantava no Brasil a técnica de "refratário ao calor", pois essas panelas de barro tingidas de negro com tintura obtida com a casca de mangue socada resistem ao calor do forno e do fogo, sendo excelentes porque dão um sabor muito especial às moquecas, assados, feijoadas e são indispensáveis ao preparo da Torta Capixaba.

Para deleite dos apreciadores da Torta Capixaba, damos a seguir duas receitas autênticas dignas de registro: Receita de Vitória (D. Otília Grijó) e Receita de Vila Velha (D. Chiquinha Caldeira Queiroz)

Receita de Vitória - D. Otília Grijó

Ingredientes: Reúna 18 caranguejos, 18 siris, 2 pratos de ostras, 2 pratos de sururus (mexilhões), 2 quilos de peixe fresco de primeira, 1 quilo de camarões frescos, sem casca, 2 dúzias de ovos, 3 latas de palmitos (ou 12 palmitos verdes), 2 lagostas, 2 pratos de berbigões. Reúna ainda, como temperos: 10 maços de coentro, 1 cabeça de alho, 5 cebolas, 1 quilo de tomates, 10 pimentas, pimenta-do-reino, sal, azeite, óleo, urucu, 12 limões e azeitonas.

Preparo: Limpe e desfie os caranguejos, siris e lagostas, após serem fervidos com água e sal. Completada esta primeira operação, deixe tudo à parte. Faça em seguida uma tintura de urucu com 1/2 lata de óleo. Corte um maço de coentro, 2 dentes de alho, 3 rodela de cebola, 2 pimentas e junte uma pitada de sal. Soque tudo e faça um refogado com 4 colheres de sopa da tintura de urucu. Junte em seguida os camarões e corte o outro pé de coentro, mais 3 rodela de cebola, aperte o suco de meio limão, coloque um pouco de azeite e um tomate picado. Deixe ferver e quando estiver vermelho e macio, escorra e guarde à parte. Proceda da mesma forma com as ostras, os sururus e o peixe, que após ferventados com sal é desfiado e sofre o mesmo processo do camarão. Faça para cada marisco um refogado. Escorra bem os mariscos refogados e se preciso esprema com as mãos para que fiquem bem secos. Junte as ostras, os sururus, o peixe e o berbigão, bem misturados, em uma panela fora do fogo. Coloque nesta etapa as azeitonas. Faça um outro refogado como foi feito com os camarões e demais ingredientes, apenas dobrando os temperos. Use pouca tintura de urucu para não encharcar os ingredientes já refogados. Deixe tudo ferver por cinco minutos e ponha as ostras, os sururus e o peixe nesse refogado, deixando em fogo lento e mexendo sempre. Veja o sal, o azeite e o limão se estão no paladar. Adicione o palmito que se for de lata deve ser cortado em rodela e espremido com as mãos. Misture bem até o refogado ficar bem seco. Bata 8 ou 10 claras em neve, depois adicione as gemas e misture tudo no refogado. Quando o refogado estiver seco apague o fogo.

Acabamento: Unte bem uma frigideira de barro com óleo e vá colocando nela o refogado, que recebe por cima, os desfiados dos caranguejos, siris e lagostas. Bata, novamente, de 8 a 10 claras em neve e gema e cubra o refogado. Corte rodela de cebolas grandes e grossas e arrume por cima, colocando uma azeitona no meio de cada rodela de

cebola. Corte, também, em rodela, de três a quatro ovos cozidos e disponha sobre o refogado. Leve ao forno quente por mais de 40 minutos ou até que o ovo que cobre a panela fique bem seco.

Sirva com arroz e farinha torrada. Use molho de pimentas, socadas com suco de limão.

Nota: D. Otília Grijó nunca admitiu, por ser importado, a inclusão do bacalhau nesse prato típico do Espírito Santo.

Receita de Vila Velha - D. Chiquinha Queiroz Caldeira

Ingredientes: 18 palmitos, 2 pratos da carne de berbigões (vôngole), 1 prato da carne de ostras, 1 e 1/2 quilo de camarões secos, 1 quilo de camarões frescos, 1 quilo de carne de siri, 1 e 1/2 quilo de carne de caranguejos, 1/2 quilo de carne de sururus (mexilhões), 1 quilo de carne de lagostas, 1 quilo de sarda salgada, 1 quilo de sarda frita, 6 quiabos pequenos, azeitonas pretas e miúdas (a gosto), 2 ou 3 dúzias de ovos para a cobertura, 12 limões, 1/2 quilo de bacalhau (opcional).

Temperos: 8 a 10 maços de coentro, 2 a 3 cabeças de alho, 1 quilo de cebolas, pimenta-do-reino (moída), pimenta malagueta (opcional), 3 tomates, sal, cravo socado, azeite doce, óleo, tintura de urucu.

Segredos:

1 - Se o palmito for natural, depois de descascado, cortá-lo bem miúdo em água temperado com sal e 1/2 xícara de vinagre (para não escurecer o palmito) e, nessa mesma água, levá-lo a cozinhar em fogo forte. Estando macio, escorrê-lo, socando-o com um machucador, espremendo-o bem em seguida, para retirar toda a água existente. Reservar.

2 - Se o palmito for industrializado (em lata ou vidro), use então o processo de escorrer toda a água, cortando-o bem miúdo e espremendo-o em seguida para retirar todo o líquido, isto é, a água do palmito.

3 - A sarda salgada ou outro tipo de peixe salgado deverá ficar de molho em água, de véspera, mudando-a tantas vezes necessárias, para retirar todo o excesso de sal, seguindo-se o processo de ferver, escorrer,

desfiar e espremer o peixe.

4 - Se for utilizado o bacalhau (que pode substituir o peixe salgado), necessário se faz adotar o mesmo processo para o peixe salgado, isto é, deixar de molho e mudar a água, retirando o excesso de sal, levar a ferver rapidamente, escorrer, desfiar e espremer. No caso do bacalhau, use-o em quantidades pequenas, máximo de 1/2 quilo.

5 - Atualmente, as peixarias facilitam muito a mão de obra para aquisição de carnes de siri e caranguejo, desfiadas e vendidas a quilo. Mas elas, obrigatoriamente, devem passar por rigorosa limpeza, separando-as dos resíduos de cascas, lavando-as em seguida com água e limão e utilizando, por fim, o processo de espremer toda a água existente. Também as ostras, berbigões (vôngole) e os sururus (mexilhões), estando limpos e cozidos, devem ser lavados em água com limão e depois espremidos.

6 - O camarão seco, depois de descascado, deve ficar por 2 a 3 horas de molho em água pura, para retirar o excesso de sal, escorrendo-o e espremendo-o em seguida, com todo o cuidado. Para a lagosta, depois de bem lavada em água com limão, deverá ir ao fogo com o mínimo de água e, depois de fervida em água e sal, escorrer, cortar em fatias finas e reservar. Quanto ao camarão fresco, estando descascado e retiradas as tripas, lavá-lo em água com limão, levá-lo ao fogo para ferver 2 a 3 minutos em água e sal, escorrer, espremer o líquido existente e reservar. Se for camarão graúdo, cortá-lo ao meio e se for médio, acrescentar-o inteiro à massa da torta, depois de fervido.

7 - Os temperos são cortados miudíssimos: cebola, coentro, cebolinha e tomates (sem peles). O alho bem amassado. O cravo e a pimenta-do-reino (ou a malagueta se gostar), são reduzidos à massa. As azeitonas são inteiras.

8 - O quiabo (opcional) é adicionado à torta na fase de apurar o molho de todos os temperos, azeite, etc. misturando-se e desaparecendo depois de cozido na massa de todos os ingredientes da torta. O quiabo (presença africana), deve ser inteiro, antes passado no caldo de limão, para desaparecer qualquer resíduo de gosma. Recomenda-se quiabos bem miúdos.

O Preparo da Torta

1 - Leve ao fogo uma frigideira de barro, com bastante gordura de toucinho fresco (já preparada com a tintura de urucu) e azeite doce. Deixe-a esquentar, obtendo calor forte e, aos poucos, adicione à frigideira grandes porções de temperos: alhos, cebolas, coentro, cravo, pimenta-do-reino, louro, tomates, cebolinha verde e um pouco de caldo de limão. Deixe apurar bem, obtendo molho farto e bem apurado.

2 - A este molho, junte o palmito, as azeitonas, o quiabo, o peixe salgado (ou o bacalhau) desfiado e a sarda frita também desfiada. Estando tudo integrado ao molho, deixe apurar lentamente, regando, se necessário, azeite doce, mas que não seja em demasia para não encharcar demais. É importante observar que o cozimento de forma lenta, além de contribuir para desaparecer qualquer resíduo de água ainda existente, é o segredo da receita de maior sucesso da torta capixaba.

3 - Seguindo-se, assim, vá adicionando ao molho na frigideira, os demais ingredientes: camarões secos, as carnes de caranguejo, de sirí, berbigões (vôngole), sururus (mexilhões), ostras, camarões frescos e, por fim, as lagostas fatiadas.

4 - Cada ingrediente que se vai misturar à torta deve ser lentamente apurado e regado com azeite, se necessário. Tudo é bem mexido com colher de pau, observando sempre para que o recheio não venha pegar no fundo da frigideira queimando-a e danificando-a. Verifique o sal e o limão.

5 - Estando tudo apurado e o recheio bem integrado e uniforme, desligue o fogão por alguns minutos. Vamos então, à cobertura da torta.

6 - Separe das gemas as claras de 8 a 10 ovos batendo-os em suspiro firme. Adicione então as gemas, tempere de sal a gosto, obtendo uma mistura homogênea e bem batida. A esta mistura de ovos, junte 1 colher das de sobremesa, bem rasa, de farinha de trigo, adicionando-a em pequena porção à massa da torta e incorporando-a delicadamente ao enchimento na frigideira, em fogo lento. Acomode a massa de maneira uniforme na frigideira, cobrindo-a em seguida. A torta ficará inteiramente coberta com o restante da mistura de ovos. Algumas rodela grandes de cebolas e azeitonas pretas por cima fazem o acabamento da torta. Levar em seguida ao forno brando, para cozinhar e corar lentamente, sempre observando que todo resíduo de água deverá ser consumido durante o seu preparo e tempo de assar.

Nota: Para o preparo da Torta Capixaba, não se faz necessário obedecer rigidamente às quantidades estipuladas nesta receita. Apenas deve ser tomado por base indispensável o palmito, carnes de sirí e de caranguejo, o camarão seco, os berbigões e o peixe salgado, que se constituem, na verdade a alma, ou seja, o melhor sabor da torta. Os demais ingredientes são adicionados, de acordo com a disponibilidade de cada um. Nesta receita que é tradicional das famílias Queiroz e Caldeira o uso de tomate é bem reduzido, porque poderá contribuir para a deterioração da torta, em dia de temperatura elevada. O recheio, depois de bem apurado, pode ser distribuído em uma ou mais frigideiras de barro, sempre cobertas com ovos batidos e enfeitados com rodela de cebolas e azeitonas pretas.

O uso de um pouco de trigo nos ovos batidos não deixa que se rache a cobertura. Acreditem. Sirva acompanhado de feijão preto refogado (com gordura de toucinho, alho e cebolas), arroz branco, farinha de mandioca e molho de pimentas tipos malagueta e de chapéu (pimenta de cheiro). A cobertura de ovos batidos deve ficar bem seca e corada.

Logradouros Antigos de Vitória *

** Do livro sob este título, do saudoso historiador e poeta **Elmo Elton**, extraímos alguns trechos que incluímos nesta Revista em homenagem a Vitória.*

Praça Oito de Setembro

(ex-praça Santos Dumont)

Primitivamente, o local era conhecido como Cais Grande, depois se chamou cais da Alfândega, passando, em 1906, a denominar-se praça Santos Dumont, exatamente quando o aviador brasileiro, em Paris, estabelecia os primeiros récores da aviação, no mundo, com assombro geral. A nova placa do logradouro foi oferecida por Clímaco Soares, proprietário de **A Primavera**, casa comercial ali existente. Essa homenagem vinha sendo pleiteada desde 1901.

A 8 de setembro de 1911, quando das celebrações do aniversário de fundação da cidade, o governador municipal Cirilo Tovar solicitou a mudança do nome da praça para 8 de Setembro, sendo atendido a 28 do mesmo mês.

Em 1914 o prefeito Washington Pessoa, que antes havia criado as armas do município, assim descreitas: _ Um escudo encimado pela figura de um castelo (o Convento da Penha); no interior do escudo, de um lado, uma estrela representando a cidade de Vitória; no outro, o símbolo do Comércio, fonte principal da receita da Prefeitura; em baixo, a entrada do Porto, com um vapor, _ mandou revestir as calçadas da praça com pedras portuguesas, brancas e pretas, formando mosaicos, sendo que sua arborização teria sido feita desde 1900, quando Cleto Nunes providenciou, junto ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, mudas para plantio nas ruas de Vitória.

A praça Oito, como ficou sendo chamada abreviadamente pela população, daí para adiante, passou a ser ponto dos mais frequentados da ilha, embora já o fosse antes procurada, mormente às noites de quintas-feiras, visto que animada com retretas da banda da Polícia Militar, ali se exibindo, também, de quando em vez, as filarmônicas do Rosário e São Francisco.

Em 1935, por ocasião das comemorações do 400º aniversário de

colonização do solo espírito-santense, a família Oliveira Santos doou à cidade artístico obelisco, comemorativo da eferméride, então colocada na área central da praça, a 24 de maio, conforme ata transcrita abaixo:

"Aos vinte e quatro dias do mês de maio do ano de mil novecentos e trinta e cinco, com a presença do Exmo. Sr. Capitão João Punaro Bley, digníssimo Presidente do Estado do Espírito Santo, e demais autoridades estaduais e muitas pessoas gradas desta terra, e também os chefes das famílias Oliveira Santos acompanhados das mesmas, foi, às nove horas da manhã, solenemente colocada a primeira pedra deste monumento.

No ato da colocação da primeira pedra, lançou-lhe a sua bênção o Exmo. e Revmo. Sr. D. Luiz Scortegagna, Bispo Diocesano desta Capital.

Desta solenidade foi lavrada a presente ata que vai assinada pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado e pelo Sr. Bispo Diocesano, autoridades, pessoas gradas e pelos doadores do monumento. Aos 24 dias do mês de maio de 1935". Seguem-se as assinaturas.

O **Diário da Manhã**, na edição de 25 de maio, registrou:

"Às 9:00 hrs. da manhã, já era, na Praça Oito, grande a afluência de povo para a cerimônia do lançamento da pedra fundamental do monumento que, num gesto elevado de verdadeira amizade à nossa terra, ofereceu ao Espírito Santo a digníssima família Oliveira Santos, que, por muitos títulos, já se fez admirada e querida da nossa gente.

Presentes o Exmo. Sr. Governador do Estado, Secretários, o Exmo. e Revdmo. Sr. Bispo Diocesano, magistrados, militares, deputados, professores, jornalistas e grande número de senhoras e senhorinhas da alta sociedade, deu-se início à festividade. D. Luiz Scortegagna lançou a bênção no pedestal e na uma que viria a conter a ata, jomais do dia, moedas em circulação, elementos que marcarão talvez dos tempos a data comemorativa do 4º Centenário da Colonização do Solo Espírito-santense, havendo, logo a seguir, o Dr. Armando Oliveira Santos lido a ata da cerimônia, convidando a assiná-la todas as autoridades presentes. Isto feito, usou da palavra o Sr. Alberto Oliveira Santos, Vice-cônsul de Portugal, fazendo o oferecimento do monumento que embelezará a nossa cidade e assinalará o gesto cordial e nobre de uma família honrada que aqui, de a longo tempo, vem conosco trabalhando e cooperando magnificamente no engrandecimento do Espírito Santo. Seu discurso _ que publicaremos na íntegra na edição de domingo _ foi uma página magnífica de rememoração histórica e acentuado amor à nossa terra acolhedora e boa. Justos aplausos se ouviram no final de sua oração, sendo convidado o Exmo. Sr. governador do Estado para colocar a pedra básica no monumento, o que se processou sob palmas dos assistentes.

Usou, então, da palavra o Dr. Gilberto Barcellos, procurador da Fazenda Municipal, que agradeceu, em nome da cidade, a oferta da família Oliveira Santos, frisando a levantada significação desse gesto demonstrador dos puros sentimentos que a ornaram e a fazem destacada em nossa sociedade.

E assim terminou a cerimônia, havendo a família Oliveira Santos, presente ao ato por todos os seus membros, recebido cumprimentos e felicitações das autoridades e demais pessoas que acorreram à festividade.

Todos os aspectos da cerimônia foram filmados, havendo sido também batidas inúmeras chapas fotográficas".

Esse obelisco, em 1940, foi removido para o final da Capixaba, ocupando o espaço onde antes se erguia estátua do Trabalho, que, transferida dali, passou a figurar em praça fronteiria à antiga sede da Prefeitura Municipal de Vitória, cujo edifício foi demolido, recentemente, embora sob justos protestos dos ilhéus. Esse mesmo obelisco, quando prefeito da cidade o médico Carlos von Schilgen, ganhou novo local, já que removido para o aterro da Comdusa, na Praia do Canto, o que é de se lastimar, visto que jamais devia ter saído da Praça Oito, onde inaugurado, em cujo lugar foi colocado um relógio, montado pelo artista alemão Ricardo Schorling, pai da aviadora e pára-quedista Rosa Helena Schorling. Esse relógio, agora não mais funcionando, antes, de hora em hora, emitia os acordes iniciais do Hino do Espírito Santo, de autoria de Peçanha Póvoa, com música de Arthur Napoleão.

Conheci a Praça Oito em seu período melhor, suas casas comerciais sempre cheias, grupos de senhores ali se encontrando para discussão de negócios, quando não para tecer comentários malicentes sobre seu desafetos, o elemento feminino como alvo predileto dos mais linguarudos, dos fofoqueiros, daí a precisão deste registro do cronista Eugênio Sette:

"... A Praça Oito me parece uma mulher dama, muito vivida, muito experimentada, que não arrepiava carreira, nem se encabula com uma piada mais grosseira. Já viu tudo. E, por isso, aguenta firme, consciente do seu papel.

A Praça Oito é do Povo como esta frase é de Castro Alves. E o povo não perdoa. Ninguém se aguenta, na Praça. Aquilo é um rôlo compressor. Arraza. Conventriza reputações. Desmancha poses e cartazes. Aniquila. Às vezes, aos poucos, outras vezes sumariamente. Zurze o couro alheio com uma força digna de Hércules. E nenhuma reação é possível, porque todos sabem de tudo e, ao mesmo tempo, ninguém sabe de nada. É o mesmo que se esmurrar o vento. Não há resistência. Na vida dos ilhéus, a Praça não deve ser menosprezada. Porque ela é um monstro de precisão _

registra tudo. É um aparelho mecanicamente ainda não inventado, tamanho é o seu poder de captação, retenção e distribuição. Tudo, nela, tem sua razão de ser.

O desavisado, ao primeiro contacto que tem com ela, se espanta, arregala os olhos, abre a boca, dá a impressão de que vai engolir o mundo. Fica sem ar. Depois, passa o fenômeno. Aos poucos, se acostuma ao ambiente. E fica sabendo que é assim mesmo, que ninguém pode mudar coisa alguma. A Praça pode ser chamada de realidade, fantasia, opinião pública. O nome, pouco importa. Ela é a **Praça!**"

Quando da última Guerra Mundial, este logradouro foi palco de muitas demonstrações de civismo, nela se armando, inclusive, uma **pirâmide metálica**, cujo objetivo era angariar material para construção de aviões brasileiros. Ninguém deixou de dar sua contribuição, com a oferta de peças de alumínio, estanho, de ferro, que tivesse de disponível em casa, que fosse metal. Os casais, mesmo os mais pobres, ofereciam suas **alianças**. O Vitória Futebol Clube, de grandes tradições na vida desportiva da cidade, entregou, se bem me recordo, aos organizadores da **pirâmide**, todas as suas taças, troféus de tamanhos e formatos diversos, conquistados em competições dentro e fora do Estado, sendo que, no local, se realizavam comícios diários, os oradores, velhos ou moços, encorajando o povo à luta contra os inimigos da Nação.

Em 1945, a praça se transformou num imenso altar, obra executada pelo professor Américo Guimarães Costa, para a celebração do 1º Congresso Eucarístico Diocesano, em comemoração do cinquentenário da Diocese do Espírito Santo, com a presença do Núncio Apostólico Dom Aloisio Masella, do Cardeal Dom Jayme de Barros Câmara e de mais uma vintena de arcebispos e bispos de todo o Brasil, _ um acontecimento deveras empolgante, inesquecível, tal a magnificência de seus ofícios religiosos, a cidade inteira se musicando pelos acordes do hino oficial do conclave.

Ainda em 1945 realizou-se, na mesma área, concorridíssimo comício da UDN, com a presença do brigadeiro Eduardo Gomes, candidato do partido à Presidente da República, a seu lado podendo ser vistos políticos de renome, como Arthur Bernardes e Odilon Braga. A praça ficou tomada de lenços brancos, esvoaçantes, como a lembrar uma revoada de pombos...

Das casas comerciais, dando frente para a praça, se destacavam a Farmácia Aguirre, a Joalheira Petrochi, o café Globo, o Petrópolis, o Bar Central, este em prédio onde antes fora a alfaiataria de Hildebrando Resemini, o Pan-Americano, vendendo objetos finos, importados, e a Flor de Maio, especializada em vendas de chapéus, bengalas, guarda-chuvas

e malas, ainda de pé, dando às suas vitrines, já agora, outra disposição.

Ladeavam a praça o prédio da Alfândega e o Banco Agrícola do Espírito Santo (atual Banestes), ambos demolidos.

Na praça, protegido por um muro balaustrado, ficava o cais dos botes, com muitos catraieiros, homens falantes, condutores dos que moravam do outro lado da baía. Também, com saída para a praça, ficava o ancoradouro das barcas, que faziam o mesmo trajeto dos botes, sendo igual o preço das passagens cobrado por esses dois tipos de embarcações. As lanchas se chamavam **Elisabeth**, a maior, e **Santa Cecília**, que se substituíam, eventualmente.

As catraias tinham nomes do céus: **São Lucas, São Pedro, São Jerônimo, São Bartolomeu, Anjo da Guarda, Nossa Senhora dos Navegantes, da Boa Viagem, da Penha, Mãe de Deus**, sendo que outras levavam o nome ou apelido de seus proprietários: **Ari, Mestre Antônio, Gaúcho...** Era uma algazarra viajar nesses botes, sobretudo em dias de mar agitado, os catraieiros e passageiros se irmanando, contando anedotas e piadas, a travessia se demorando mais, o medo de alguns servindo de gozação aos outros. Também esses barcos se encarregavam de trazer à ilha ou levar ao continente os tripulantes e passageiros de navios que, por falta de cais, então ainda em construção, lançavam suas âncoras no meio da baía.

Não eram só os moradores do continente que desembarcavam na Praça Oito, mas também os que vinham de bonde, dos arrabaldes da cidade, de forma que esse logradouro se tornava o ponto de convergência de todos.

O carnaval, na sua fase mais brilhante, ali se expandia, os blocos de sujo fervilhando nos bares, os mascarados do "corso" gritando pelos conhecidos, que, nas calçadas, se apinhavam, a apreciar o que ia acontecendo ao redor, todos numa euforia que já não descubro nos foliões de agora. O chão da praça, nos dias momescos, atapetava-se de confete, de serpentinas, o ar aromatizado pelos lança-perfumes, então vistos nas mãos de velhos, moços e crianças.

Hoje, a Praça Oito já não é nem sombra do que fora antes em frequência e animação. Tiraram-lhe as árvores, copados oitizeiros, as casas comerciais são vulgares, os que lá transitam e esbarram em tabuleiros de vendedores ambulantes, os ônibus se amontoam nos pontos, recebendo ou desembarcando passageiros, os abrigos e bancos de mau acabamento, os mendigos ressonando nas calçadas, tudo numa desordem que só faz aumentar a saudade naqueles que, noutros tempos, por ali passaram ou se ficaram a prosear...

como vice-almirante. Em 1628 tomou a famosa Armada Espanhola de Prata, perto da baía de Matanzas, e chegou à mesma baía. A Armada seguia, do México, para a Espanha. O feito perdura numa canção popular holandesa. Morreu, na batalha naval de Dungeness, a 18 de junho de 1629, em combate à Inglaterra. Contava 52 anos de idade".

Maria Ortiz, após seu feito em defesa da ilha de Vitória até os dias presentes, tem seu nome reverenciado pelos capixabas, tanto que, em 1899, quando a Câmara Municipal, pelo decreto nº 65, de 8 de julho, mandou colocar placas em todos os becos, ruas, cais e travessas, também numerar os prédios urbanos, Peçanha Póvoa pediu fosse mudado o nome da ladeira do Pelourinho (1), para ladeira Maria Ortiz, no que foi atendido, sendo que idêntica solicitação já o fizera antes, isto é, a 13 de novembro de 1883, o vereador Passos Costa Júnior.

No governo de Florentino Avidos, a referida ladeira, estreita e íngreme, transformou-se na bonita Escadaria Maria Ortiz, inaugurada a 15 de novembro de 1924, colocando-se, no seu primeiro lance, placa de bronze com estes dizeres: **Serviço de Melhoramentos de Vitória _ Obra executada no Governo do Exmo. Sr. Dr. Florentino Avidos _ Engº civil _ 1924-1928.**

O projeto da escadaria é de autoria do engenheiro Henrique de Novaes, sendo executantes Polliti, Derenzi & Cia. Custou trinta e nove contos de réis.

Ladeavam o logradouro belas residências, todas de dois andares, sendo a mais elegante a de Hildebrando Resemini, o interior decorado com móveis franceses e quadros de pintores italianos.

Infelizmente, com a demolição dessas residências, já agora ladeam a escadaria edifícios que se desarmonizam com a obra, de jeito que a mesma ora se apresenta como que espremida em meio às recentes contruções, seus degraus, de pedra lavrada, quase todos apresentando rachaduras, quando não quebradas ou fora de nível, isto em decorrência do transporte de material pesado e pelo descuido de seus transportadores, durante as novas construções.

(1) Chamou-se, também, ladeira da Assembléia, da Cadeia e do Trapiche. Do Trapiche, porque, à beira-mar, no local em que hoje se encontra a Casa Helal, existiu um armazém de carga.

Rua Duque de Caxias

(ex-rua do Ouvidor)

Chamou-se, a princípio, rua do Ouvidor. Em 1872, dois anos após o término da Guerra do Paraguai, recebe nova designação: _ a de rua Duque de Caxias, sendo que, nessa ocasião, outras artérias tiveram seus nomes trocados, ainda que sob a censura do Dr. Francisco Ferriera Corrêa, então presidente da província.

A Duque de Caxias, até anos recentes, "não sofreu modificações sensíveis, ficou monarquicamente arcaica, não obstante sua posição central:.

Sabe-se que, ali, conforme anúncio no **Correio da Vitória**, edição de 3 de março de 1854, um tal senhor Norbim colocava à venda "sortimento de dentes cristalininos assemelhando-se, o mais possível, aos dentes naturais", adiantando que o mesmo realizava operações dentárias.

Em março de 1866, quando a cidade ainda não contava com partes diplomadas, no número 90, dessa rua, esquina com a ladeira do Sacramento, estabelecera-se a parteira Margarida Zanotelli, formada em Pávia, Itália, tendo prestado exames na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, habilitando-se, assim, a exercer sua profissão no Brasil. Também ali, "nos primeiros dias de julho de 1892, o sr. Socrates Roque Lima de Bartolomeu abriu um bom salão para pregar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, no número 43, 1º andar", sendo esta, possivelmente, a primeira notícia sobre atividades protestantes, no Espírito Santo.

Anote-se que as casas dessa artéria, isto é, as construídas no lado direito, tinham quintais terminando à beira mar, daí chamar-se, também, rua da Praia. Muito depois, com a formação da rua da Alfândega, posteriormente denominada Conde D'Eu (atual avenida Jerônimo Monteiro), tais quintais desapareceram, alguns sobrados ganhando, então, fachada nova para essa última rua. O Hotel d'Europe, por exemplo, ali construído, dispunha de duas entradas, a principal (a antiga) na Duque de Caxias, tendo a sacada com gradis de ferro-batido, apainelados, as arandelas, à época de luz a querosene, ostentando coloridas luminárias, ficando a outra, na rua da Alfândega. A propósito desse hotel, demolido em 1983, escreveu a Srª Vera Suckow de Lima, esposa do poeta mineiro Augusto de Lima (18 _ 1934), quando este, em 1892, veio ocupar o cargo de Juiz de Direito na comarca da Conceição da Serra:

"No Hotel d'Europe, onde nos hospedamos, havia um grupo de

intelectuais que muito confortou o magistrado: Dário Azevedo, Gonçalo Marinho de Albuquerque, chefe de polícia do Dr. Afonso Cláudio de Freitas Rosa, e mais alguns de cujo nome não me recordo.

À noite, no salão do Hotel, em meio à palestra do grupo a que me referi, Mme. Taverne, filha do casal Boudossier (1), proprietário do estabelecimento, deliciava-nos com sua bela voz de soprano, cantando árias e canções. Mme. Augustine Taverne era viúva e tinha uma filha, então em férias do Colégio Imaculada Conceição, no Rio de Janeiro.

Essa mocinha, muito interessante, era o *ai-Jesus* dos seus e bastava que espirasse, para que sua vovó, Mme. Boudossier, entrasse a se lamentar, pensando que Nenê ia morrer..."

Leia-se o que mais disse a esposa do poeta, agora se referindo à sua chegada a Vitória, após viagem acidentada:

"Vitória. Enfim! Às quatro horas da tarde do terceiro dia de viagem pusemos pé em terra firme.

O calor sufocava e no desembarcadouro um certo número de desocupados dormia a sono solto. Penosa impressão!

A topografia da capital era o que se sabe: Linda! Mas a cidade velha, com o casario antigo do tempo de El-Rei Nosso Senhor, triste.

Hoje, a civilização soprou-lhe vida nova, remodelou-a, calçou-a, tornou-a faceira e ela se debruça cheia de garridice sobre sua pequena baía.

Augusto de Lima deixara suas Minas querida, por quanto tempo?

Sua alma sangrava de saudade das montanhas azuis perdidas na distância.

Em Vitória encontrou Moniz Freire, seu amigo dos bancos acadêmicos, e o abraço de Moniz teve o condão de levantar-lhe o ânimo.

Moniz Freire era, a esse tempo, a pessoa de mais destaque social em Vitória pela grande inteligência, cultura jurídica e literária, líder da política estadual, **gentleman** perfeito, encantando a todos pela afabilidade, no que era secundado por sua esposa D. Colatina, nascida Azevedo. De tradicional família paulista, ela era o ídolo da capital capixaba, pela fidalguia sedutora que sabia imprimir às recepções no seu palacete".

A 15 de setembro de 1895, a cidade ganha sua primeira fábrica de gelo, pertencente à firma Bytton & Freitas, montada na Duque de Caxias, sendo que, a 29 de julho de 1902, no salão do Grêmio Carlos Gomes, sociedade musical que ali tinha sede, sobre a Charutaria Havanesa, de Máximo Bastos, onde é hoje o número 200, registrou-se a fundação do

(1) - Jacques Boudossier.

Clube de Regatas Saldanha da Gama, que viria a ser agremiação das mais conhecidas de Vitória, pelas suas ininterruptas atividades desportistas e sociais. Ainda nesta artéria, a 17 de outubro de 1926, com a presença do presidente do Estado, autoridades e muitos convidados, inaugurou-se festivamente o Majestic Hotel, o prédio fazendo esquina com a ladeira da Matriz.

Após ter gozado de certa importância no passado, a partir do começo deste século, a Duque de Caxias tornou-se zona de meretrício, funcionando, no local, por volta de 1910, o Clube Ninho das Ninfas, freqüentado quase que exclusivamente por prostitutas e seus exploradores, também por embarcações.

Das "pensões" que a rua agrupava, e eram muitas, a mais procurada era a **Royal**, de Madame Juju, já que nela "faziam vida" as "raparigas de melhor aparência e asseio", o imóvel de bom acabamento, em cujo andar térreo funciona, atualmente, a Barbearia Totinho. Ressalte-se que, apesar de zona de meretrício, mesmo na parte em que se situavam os diversos lupanares, residiam, sem que fossem molestadas, famílias de conceito, como, por exemplo, a dos Botti, a da pianista Maria Duraens, com muitas alunas, a de Cláudio Passos, de onde saía, a cada carnaval, o animadíssimo bloco **Eu só quero é enxovar**. No início da década de 40 o meretrício se transferiu para a rua General Osório.

Durante a Segunda Guerra, quando navios brasileiros foram torpedeados por ordem de Hitler, as firmas então dirigidas por cidadãos alemães, assim como as de propriedade de italianos, foram saqueadas e destruídas em Vitória, algumas dessas situadas na Duque de Caxias, como a Bayer e a Casa Hamburgo, ponto de reunião de empresários e intelectuais, ali se servindo chope preto, conservas, vinhos e queijos importados.

A Casa Flora, a primeira de venda de flores da cidade, tinha sede nessa artéria.

Presentemente, a Duque de Caxias, após conservado, por muitos anos, seu aspecto antigo, colonial, dispõe de comércio ativo, conta com vários edifícios de construção recente, ganhou nova pavimentação, pouco fazendo lembrar a que fora há quarenta anos atrás.

Avenida Florentino Avidôs

(ex-rua do Comércio)

A primitiva rua do Comércio, que data do século XVII, tinha começo na General Osório e ia até o cais Schmidt. Quando do centenário de Florentino Avidôs, ocorrido em 1969, a artéria recebeu o nome do ex-presidente do Estado, denominação abrangendo a área que começa na escadaria do Palácio Anchieta e termina naquele extinto cais, já agora aterrado.

A rua do Comércio, então com uma só calçada, dava frente para o Porto dos Padres, também aterrado, visto a construção definitiva do atual cais do porto. Constituíam-se de sobradões, alguns encimados por estátuas de cerâmicas portuguesa, fabricação de Santo Antônio do Porto, sendo que vários desses ornatos, tão procurados por antiquários e colecionadores, ora se encontram no Museu Solar Monjardim.

Ditos imóveis datavam quase todos do começo do segundo meado do século XIX, esses se entremeando com casas baixas, da taipa, anteriormente construídas, conforme se pode observar em antigas fotografias dali.

No Porto dos Padres, assim chamado desde o tempo dos jesuítas, fluuavam ao largo saveiros e "pontões" da casa Hard & Hand, carregados de café à espera de navios.

Um canal cortava a rua do Comércio, se alongando pelo meio da rua da Vala (atual avenida República), a ponte, para atravessá-lo, com altura bastante para que, por baixo, passassem canoas com tripulantes agachados, rumo aos cais de São Francisco.

O movimento marítimo, intenso no Porto dos Padres, isto em decorrência do comércio que lhe ficava de frente, propiciou a abertura de muitos botequins à beira mar, _ os chamados quiosques. Nesses originais botequins, exagonais ou redondos, de madeira, cobertos de zinco e pintados a óleo, tomava-se cachaça pura ou com xarope, bebia-se café requentado, caldo de cana, comia-se lingüiça e manjuba frita, batata doce assada, bolos mata-fome, rapadura, bijus, bananas, coisas trazidas do Porto do Cachoeiro, de Cariacica, da Serra e das fazendas de Itaquari.

O primeiro dos quiosques surgidos em Vitória era de propriedade de Sebastião da Costa Madeira que o instalou no Jardim Municipal, em 1892. Tais botequins, anti-higiênicos, com muita mosca varejeira a pousar-lhe no balcão, nos pratos e canecos de ágata, serviam de ponto a malandros,

biscateiros, embarcações, local de discussões, de pancadaria, de forma que os cidadãos mais precavidos não os freqüentavam, antes se distanciavam deles, sendo que o último desses botequins desapareceu em 1925. Situava-se no Porto dos Padres, dando frente para a rua General Osório, onde hoje se ergue o Edifício dos Comerciantes (1).

Na rua do Comércio existiu, por muito tempo, uma casa de pasto, com a seguinte tabuleta: CASA DE PASTO _ ASSEIO E PRONTIDÃO _ DE BENEDITO ANDIÃO.

Das notícias mais antigas dessa artéria sabe-se ter funcionado ali, no número 31, a tipografia do jornal **Província do Espírito Santo**, datando de 1882 a reconstrução de seu ancoradouro, por iniciativa de comerciantes locais.

Em 1907, com a chegada de três bondes, de tração animal, a rua do Comércio despertou curiosidade geral, já que, a partir de 11 de junho, dali saía o bondinho puxado a burro, levando passageiros até o Forte de São João.

Outra atração da artéria. Era o ponto preferido para se assistirem às regatas promovidas pelos clubes Saldanha da Gama e Álvares Cabral, num tempo em que a cidade dispunha de pouca diversão.

O antigo comércio atacadista, em Vitória, foi sempre mais intenso nessa rua, hoje ainda mantendo o movimento de anos atrás, já que, com o aterro do Cais do Porto, ganhou a mesma uma segunda fileira de construções, ou melhor, de edifícios, inclusive o prédio onde funciona o Moinho Buai.

Praça Misael Pena

(ex-praça do Quartel)

O Presidente Afonso Cláudio de Freitas Rosa, em 1890, encarregou ao tenente coronel Carlos Eugênio traçar o plano de um quartel de Polícia, no aterro do Campinho, sendo a construção iniciada em 1892, já no governo do Barão de Monjardim. Foi inaugurado, a 23 de maio de 1896, por Moniz Freire. Seu primeiro comandante: Orozimbo Corrêa de Lyrio.

(1) Álvaro Conde, pintor capixaba, retratou, fielmente, um desses quiosques, o quadro ora exposto no Palácio Anchieta.

No governo do coronel Marcondes de Souza (1912-1916), que substituiu Jerônimo Monteiro, como complemento às obras do Quartel, construiu-se, em suas imediações, a Vila Militar, dando-se, assim, moradias limpas a oficiais e sargentos. Foram construtores Miranda & Derenzi, daí surgindo as ruas: Funcionários (atual Soldado Antônio Faria, capixaba sacrificado na 2ª Guerra Mundial, na Itália), Bernardino Monteiro (ex-presidente do Estado, no quadriênio 1916-1920) Norte (atual Washington Pessoa, ex-prefeito de Vitória _ 1914-1916), Dona Júlia (atual Henrique Coutinho D. Júlia era a esposa do patrono dessa artéria) e Marcondes de Souza, acima referido.

No começo do século, quando o comércio de Vitória funcionava das seis da manhã às oito da noite, na referida praça, o disparo de um foguetão, "o tiro das oito", marcava a hora do fechamento das casas comerciais.

Na Interventoria do Capitão João Punaro Bley, o quartel foi desativado, visto a inauguração de um outro, em Maruípe, tendo, no antigo prédio, se instalado, a 29 de outubro de 1939, o Museu Capixaba, transferido, depois, para o Solar Monjardim, em Jucutuquara.

O antigo Quartel da Polícia Militar, todo de pedra, de traçado elegantíssimo, tendo à frente duas palmeiras imperiais, ainda existentes, foi das mais sólidas construções da cidade, datando sua demolição de 1956, quando bem podia ter sido aproveitado para sede de um centro de cultura. Infelizmente, no local, foi construído imóvel de nenhum valor arquitetônico, a que o povo chama de "caixote".

A 1945 a Praça do Quartel passou a denominar-se Misael Pena, tendo o prefeito Carlos Von Schilgen, em 1982, inaugurado nessa área um jardim, em substituição à Estação Rodoviária, que ali funcionou, por alguns anos, precariamente.

O patrono do logradouro, Misael Ferreira Pena, nasceu em Minas Gerais, a 23 de março de 1848, mas desde os dois anos passou a viver no Espírito Santo, já que os pais o trouxeram para a comarca de Alegre, onde se fixaram como abastados fazendeiros. Diplomou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo exercido, no Espírito Santo, terra que ele adotara como berço, cargos de magistratura e de eleição popular. Foi deputado provincial no biênio 1874-1876. Publicou: **Discurso proferido na Libertadora Primeiro de Janeiro**, em prol dos escravos, 1874; **Discurso proferido na Assembléia Provincial**, em favor da moção ao Gabinete de 7 de março, Vitória, 1873; **Conferência nas escolas da Glória**, realizada a 12 de novembro de 1874, com a assistência do Imperador, sobre o tema **Presente e futuro do Espírito Santo**, Rio, 1875, e **História da província do Espírito Santo**, Rio, 1878, além de um opúsculo sobre a Reforma

Judiciária de 1871. Colaborou, assiduamente, na imprensa de Vitória, algumas vezes com o pseudônimo de Philemon, seus artigos sempre despertando a curiosidade da população, pelo que continham de crítica jocosa e assuntos ligados à cidade. A **História da província do Espírito Santo** é dividida em duas partes: a primeira, tratando do governo dos donatários, de 1535 a 1718; a segunda, dos capitães-mores, de 1718 a 1743, encerrando, em apêndices, documentos comprobatórios da narrativa histórica.

MFP faleceu, tragicamente, a 19 de outubro de 1881, na cidade do Rio de Janeiro, onde se encontrava desde 1878, ali se dedicando, a princípio, à advocacia e, depois, ao comércio. Tinha, ao falecer, apenas 33 anos de idade. Patrono da cadeira nº 22 da Academia Espírito-santense de Letras.

Praça Costa Pereira

(ex-largo da Conceição)

Era conhecida por *Prainha*, antes da ereção da igreja de Nossa Senhora da Conceição, templo freqüentado sobretudo por pescadores. A igreja foi demolida no governo de Moniz Freire, para a construção do Teatro Melpômene, inaugurado a 22 de maio de 1896 pela Companhia Espanhola Júlia de Plá, com a opereta **A Mascote**, seguida pela **Sinfonia de O Guarani**. "A Companhia permaneceu, em Vitória, alguns meses, mas depois de algumas representações, caiu no desagrado do público", sendo que, para salvá-la do fracasso, Ubaldo Rodrigues escreveu a peça teatral **Ontem e Hoje**, em que abordava as rivalidades entre **caramurus** e **peruas**, conseguindo "casas repletas, com espetáculos diariamente repetidos".

Mais de dois terços da praça eram banhados pelo mar, máxime nas marés cheias, que entravam pelos vazios das ruas do Oriente (atual Barão de Itapemirim), General Câmara e São Manoel, verdadeiros becos infectos, os dois últimos desaparecidos de 1922 a 1924, quando da ampliação do logradouro e abertura da avenida Capixaba. O aterro se fez aos poucos, gradativamente. A princípio, isto é, após a designação de largo da Conceição, a praça passou a denominar-se Costa Pereira. Em 1922 o prefeito Antônio Pereira Lima mudou-lhe o nome para Praça da Independência, ficando assim conhecida, pelo menos, até os anos 60, época em que voltou

à sua designação anterior.

Anote-se que seu verdadeiro construtor foi o engenheiro Moacir Avidos, quando Secretário da Agricultura, Viação e Obras e diretor dos Serviços de Melhoramentos da Capital, datando de 23 de maio de 1928 sua inauguração definitiva, com o descobrimento dos bustos de Florentino Avidos e Moniz Freire. Mais tarde, dois outros bustos foram ali colocados os de Afonso Cláudio e Jerônimo Monteiro, ambos esculpidos pelo artista italiano Carlo Crepaz.

Os primitivos ajardinamento e arborização, projetados e executados por Paulo Motta, sofreram, com o decorrer do tempo, muitas modificações, alterando-se disposição dos canteiros, assim como feitos novos plantios de árvores. O logradouro, nos anos 40, ganhou pequeno lago artificial.

A praça, à época em que era conhecida como Praça da Independência, foi ponto de **footing** da melhor sociedade vitorense, sendo que, circulando a calçada externa, de um lado caminhavam os rapazes, de outro as moças, que assim flertavam, entabulavam namoro, resultando, desses encontros, muitos casamentos. Os pais se assentavam no centro da praça, em bancos de madeira colocados sob árvores copadas, sempre atentos aos namoros dos filhos. As crianças, ao redor, brincavam de roda, também de outros folguedos. A banda da Polícia Militar fazia animadas retretas no local, especialmente aos sábados, domingos e feriados.

Houve tempo em que a casa de pasto de Rocco Ferrer, aí instalada, oferecia aos fregueses suculentas macaronadas, além de grande variedade de massas, daí que muito procurada pelos italianos radicados em Vitória ou vindos do interior. Era um **nadinha** o preço cobrado por essas refeições.

Dos prédios que ladeavam a Costa Pereira se destacavam o Hotel Império, em cujo térreo funcionava o Café Estrela, a CBFL (atual Escelsa), a Casa Madame Prado, a sede do Clube de Regatas Álvares Cabral, o Café Avenida, A Simpatia, onde se tomava o melhor caldo de cana da cidade, a Casa Busatto, que negociava móveis, a sorveteria Pingüin, sendo ali construído, fronteiro à praça, o Teatro Carlos Gomes, inaugurado a 5 de janeiro de 1927, com a peça **Verde e Amarelo**, de Patrocínio Filho, representada pela Companhia Tan-Tan. Deve-se essa formosa construção, iniciada em 1925, a André Carloni, tido como Mecenaz capixaba, que custeou quase toda a obra, recebendo, na ocasião, apenas pequena ajuda do governo. As colunas de ferro fundido, finamente lavradas, que sustentam os camarotes, pertenceram antes ao Teatro Melpômene.

A praça, a partir dos anos 50, deixou de ser ponto preferido da sociedade, vulgarizou-se, tornando-se, durante o dia, local de vendedores de bugiangas, e, à noite, de encontros duvidosos.

O prefeito Ferdinand Berredo de Menezes, em 1983, reformou-a, deu-lhe novos canteiros, nova iluminação, proibindo ali a presença de camelôs, também de outros vendedores ambulantes, de forma que o logradouro, de então em diante, passou, sobretudo à tarde, a ser freqüentado mormente por cidadãos idosos, aposentados, que, sentados em bancos já agora de concreto, conversam, recordando, naturalmente, figuras, coisas e fatos de uma Vitória, tranquila e bela, que o progresso vai desfigurando, de ano para ano.

O patrono da praça, José Fernandes da Costa Pereira Júnior (1833_1889), fluminense, foi presidente da província do Espírito Santo, no período de 10 de janeiro de 1860 a janeiro de 1863. Conselheiro do Império, ministro da Agricultura no Gabinete de 7 de março de 1871, presidido pelo Visconde do Rio Branco. Patrono da cadeira nº 7 da Academia Espírito-santense de Letras.

Rua Sete de Setembro

(ex-rua da Várzea)

Partia da Prainha (largo da Conceição) e terminava na rua da Capelinha (atual Coronel Monjardim), hoje se alongando até a Fonte Grande. Foi por muitos anos apenas residencial, com uma ou outra casa de negócio, inclusive a padaria de seu Menininho Pessoa, as construções mais expressivas datando do primeiro meado deste século, sendo que, a partir da década de 60, passou a ser, também, artéria de importância comercial, ali se construindo vários edifícios.

A placa com a denominação de rua 7 de Setembro foi colocada pelo prefeito Antônio Pereira Lima, em 1922, quando das comemorações do centenário da independência do Brasil.

Até o governo de Florentino Avidos, que a saneou, apresentava constantes problemas, qualquer aguaceiro a deixava totalmente alagada, pondo em sobressalto seus moradores.

A Prefeitura Municipal de Vitória tinha sede aí, em construção sólida, de aspecto agradável, projeto do arquiteto J. Pitilick, com entrada também pela Praça do Trabalho (atual praça Ubaldo Ramalhetes Maia). Encarregou-se de sua construção, em 1925, a firma Politi, Derenzi & Cia, vencedora em concorrência pública, as despesas orçando em Cr\$ 264.661,00, em moeda

de hoje. Era prefeito, na ocasião, Otávio Índio do Brasil Peixoto, que se demorou no cargo de 1924 a 1928. Esse prédio, tão apreciado pelos vitorienses, foi demolido, sem justa razão, por determinação do senhor Chrisógono Teixeira da Cruz, então prefeito da cidade.

Residiram nessa rua, entre outras, as famílias, Abaurre, Grijó, Proença, Pacheco, Pinto, Maurer, o historiador Mário Aristides Freire e André Carloni, sendo que nela se localizam, desde muito tempo, a Federação Espírita Francisco José de Melo, a Creche Menino de Jesus e a Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória.

O cronista Fernando Tatagiba, assíduo freqüentador dessa artéria, referindo-se ao recente desaparecimento de uma lanchonete ali instalada, ponto de encontro de rapazes da própria rua e, também, dos que gostam de matar o tempo falando da vida alheia, escreveu:

Após quinze anos de lirismo e de luzes, a Lanchonete Sete _ situada na rua Sete de Setembro, um dos pontos mais frenéticos da cidade _ fechou definitivamente suas portas.

Em seu interior _ por mais de uma década _ aconteceram inúmeros encontros e desencontros, beijos na fronte ou no horizonte, solitários encostados nos balcões, uma mulher esperou alguém que não veio.

A moda que perdurou longo tempo _ a efervescência de grandes lanchonetes _ talvez se encerre agora, fechando um ciclo.

A rua Sete nunca será a mesma.

Os homossexuais transuentes não mais vislumbrarão as lâmpadas e as cores.

As mariposas já não terão onde pousar.

A solidão do calçadão.

II

É provável que a época deste tipo de estabelecimento tenha chegado ao fim. Os freqüentadores habituais lamentam o fato, mas depois se conformarão.

Aconteceu anteriormente com a lanchonete Petrópolis, que acolheu em seu útero muitos bêbados, prostitutas, boêmios e passageiros da noite.

Ocorreu antes com a Rio Doce: no interior havia restaurante, padaria e balcões, além do ponto para o cafezinho.

E com a Canaã, na praça Costa Pereira: o chope escuro, o namoro na penumbra, os desamparados na porta sem terem para onde ir.

Para cada período houve um pouso, lar doce bar para os aban-

donados da sorte, os que moram sozinhos, os viventes em vagas de pensão, os solteiros.

Para cada pessoa houve uma pausa, ninho sem estranhos e sem estradas, onde se amontoam as conversas diárias, um café e um cigarro.

III

A Lanchonete Sete chegou ao fim: o balconista Serrano não mais perguntará pelo pessoal da praça da alegria.

Por longos anos a lanchonete recolheu a todos: às vezes a chuva caindo lá fora.

Por longos anos expôs um painel com Vitória ainda cidade-menina.

Agora um banco, uma sapataria, lojas, ou um buraco transformará tudo: o painel antigo desaparecendo e com ele a mudança da cidade num lugar lúgubre, cada vez mais desumano e irreconhecível.

Sobrarão os escombros de Tubarão, o odor da Aracruz Celulose, o estalido do estaleiro, um pedaço do Penedo, as ruas sujas.

Restarão talvez alguns versos de Otinho _ poeta da rua Sete por excelência.

Restará provavelmente uma valsa, tocada paradoxalmente neste samba-enredo chamado Vitória.

Ficará, às vezes, quem sabe, um pedaço de balcão para que um boêmio faça dele um violão.

Avenida Jerônimo Monteiro

(ex-rua da Alfândega)

Atualmente, é a principal artéria central de Vitória. Chamou-se, antes, rua da Alfândega, sendo que, em 1872, passou a denominar-se rua Conde D'Eu. Depois de proclamada a República, voltou a ser conhecida como rua da Alfândega, embora as plantas da cidade, pelo menos, até a de 1917, a registrassem com o nome do conde. Sua primitiva extensão, ia apenas do Cais do Imperador ao Edifício Nicoletti, de onde, em diagonal, ficava a Rua Pereria Pinto, ali os Correios postando cartas a cem réis. A rua da Alfândega era estreita, com as fachadas das casas mal alinhadas, ainda que suficientemente reta. "Era rua de futuro, central, plana, com a Praça Santos Dumont

a dividi-la ao meio". Aí as firmas importadoras, tais como a Viana Leal, Manoel Evaristo Pessoa, a Casa Garantia, J. Zinzen, a Antenor Guimarães tinham sede, o mar a bater-lhes nas portas de fundo, por onde recebiam as cargas desembarcadas dos saveiros e alvarengas. A J. Zinzen tinha armazém de café em prédio em que funcionou, mais tarde, o Cine-Central. Esse cinema, com orquestra de câmara, funcionou até fins da década de 20, tendo Ângela Vargas nele realizado, com grande assistência, um de seus recitais de declamação, a 25 de novembro de 1925. Junto do cinema, a mesma firma dispunha de outro prédio (onde depois se instalou o Hotel Miramar), no qual se adquiriam finos artefatos importados.

O Banco do Brasil teve, aí, sua sede primitiva, inaugurada a 2 de abril de 1917, no prédio nº 78, sendo seu primeiro gerente o Sr. Salvador Pena. Também, na mesma artéria, inaugurou-se, em 1934, a sede dos Correios e Telégrafos, exatamente no local em que, antes, existira o velho Mercado Municipal. A Western funcionava em prédio ao lado.

A partir de 1920 a rua da Alfândega passou a denominar-se avenida Jerônimo Monteiro, alongando-se, já então, da Escadaria do Palácio até a praça Costa Pereira.

No governo de Nestor Gomes, a avenida Capixaba, que outra não era senão o prolongamento da Jerônimo Monteiro, ficou perfeitamente definida, com os alinhamentos marginais desembaraçados do casario da rua Cristóvão Colombo, da Praça Marechal Floriano Peixoto, da rua Pereira Pinto e do prolongamento das colonialíssimas ruas do Sacramento, São Miguel e General Câmara, abrindo-se aos olhos, desde o Cais do Imperador até a chácara dos Monjardim.

Na Jerônimo Monteiro, entre os anos de 1915 a 1940, existiram diversos armarinhos, bancos, bares, hotéis, cinemas, farmácias, padarias, armazéns de secos e molhados, botequins, além de outros ramos de negócio, e os cito aqui, salteadamente: A Queimadeira (tecidos), Casa Centenário (tecidos), Casa Garantia, de Ayres & Coelho (artigos de eletricidade), Irmãos Batista (café), Casa Cypreste (tecidos), Loja Esperança (tecidos), Flor de Maio (chapéus e malas); Empório Capixaba, Hotel Universal, Hotel Europa, A Vidrália, Casa Morgadinha (calçados e chapéus), Alfaiataria Resimini, Alfaiataria Júlio Lima, A Singer (máquinas de costura), Loja Silva & Irmão, Pan-Americano, Caio Noronha (armazém de secos e molhados), Armazén São José (idem), A Mimosa (armarinho), A Principal (calçados), Casa das Meias, Casa das Linhas, Farmácia Silveira, Farmácia Confiança, Confeitaria Colombo, Frutaria Cruzeiro, A Hidrolito (dos irmãos Benezath), Casa Ramos (roupas), Bar OK, Charutaria de Manoel Braz, Papelaria Santa Presciliana, Papelaria e Tipografia Gentil, os estúdios

fotográficos de Otávio Paes, Mazzei, Merjane e Quintas, a Casa Morgado Horta, ostentando tabuleta com estes dizeres: **Nesta casa se fazem grandes compras com pouco dinheiro**, as casas lotéricas de Justino e Delfim Nunes, Agência Copolilo (jornais e revistas), os trapinches de Antenor Guimarães e Mesquita & Cia, a Bolsa do Café, situada no andar térreo do Teatro Glória etc..

Presentemente, a Jerônimo Monteiro dispõe de diversos edifícios de porte, é asfaltada, tem melhores calçadas, comércio amplo, variadíssimo, já não é a mesma de antes. De tráfego sempre congestionado, poluída pela fumaça de ônibus e pelo vozerio dos que ali negociam clandestinamente, essa artéria, à noite, depois das 20 horas, torna-se deserta, meio escura, ao contrário de antigamente, quando quase todas as suas casas comerciais deixavam acesas artísticas vitrines, o que servia de pretexto para que a sociedade fosse admirá-las, até as 22 horas, quando então se apagavam os letreiros e se fechavam suas portas.

A Poesia é necessária

Vitória

Alvimar Silva

Em vão eu peço a Deus que me conceda
gênio para pintar-te. Não se arrisca,
frio, o pincel que nem um traço risca
digno de ti, no amor, em que se queda.

Não há na sombra encanto que te exceda
nem na luz se a beijar-te o sol faísca,
linda e risonha, mágica odalisca,
recostada em coxins de paina e seda.

És no meu sonho um êxtase fulgente,
doce paisagem de belezas tantas,
entre o oceano e a montanha viridente...

E, se em meu coração te fiz rainha,
sou no mar a onda que te oscula as plantas
e da floresta a mão que te acarinha!

Pássaro preso à ilha

Carlos Chenier

Aqui Vitória, lá o Universo.
Na ilha perdida na montanha,
o pássaro
se perde pela ilha
feita em cela
ruas já sem nome, sem enfeites,
de gentes
luz
e desesperos desvalidos, ébrios.
E o pássaro icárico-homem
voaceja em trevas interiores.

Nem um verso soletrado nas esquinas,
um cartaz mais inspirado posto ao vento,
nem murmúrios dados à sombra de seu quarto,
nada penetra.
Imperturbável
a Estátua-Cidade-Monturo
deixa que o pássaro se abata em alvoroço
ou se converta.
Morre o pássaro e o poeta.

Vitória

Celso Bomfim

Hás de ouvir o meu cântico dos cânticos
na cadência sinfônica do mar,
nos arvoredos belos e românticos
batidos por um vento singular...

Aos farfalhos de viride palmeira,
à noite, quando cérula te agitas,
vem a lua beijar-te, alvissareira,
as praias recobertas de pepitas.

E afoga-se na enseada esmeraldina
procurando o castelo de águas mansas,
enquanto chora, em límpida surdina,
a voz sônora de milhões de palmas.

E atrás de seus reflexos cor de prata,
escuto a música dos ventos ledos
- cantores da noturna serenata
no pardo violoncelo dos rochedos.

E como lembra a voz dos navegantes
que outrora bordejaram tuas águas
e aqui deixaram, corações amantes,
o soluçar tristíssimo das mágoas.

Como lembro de cor a tua história
na derrota de quantos flibusteiros,
Terra imortal, pretérito de glória,
sarcófago de heróis e aventureiros!

Ao marulhar vagnérico, romântico,
e ao canto agreste do teu vento sul,
teu sono embalas, pérola do Atlântico,
num tropical painel de céu azul.

E as mulheres febris, nos alanceios
da carne moça que palpita e passa...
E essa atração babélica de seios
nos lúbricos desejos de uma raça...

Que belas, tuas filhas! Dulcinéias
que foram, muitas vezes, meus encantos...
Nos romances de sonhos e epopéias,
levaram risos e deixaram prantos.

Assim mesmo, na vida, hei de querê-las
na pérfida ilusão de ser feliz,
como quem sonha procurar estrelas
nos olhos da mulher que não lhe quis.

E o teu sol! Das esplêndidas alturas
ao lourejo do páramo que afaga,
no vislumbre de aquáticas ternuras,
vai morrer no recôncavo da vaga.

E os passarinhos, pela madrugada,
quando, de leve, o ródio beija as rosas,
vêm cantar, os rapsodos da alvorada,
belas canções plangentes, amorosas...

E o céu azul, e olímpico, e estrelado!
quantas vezes, Vitória senhoril,
vi no Cruzeiro, que é teu namorado,
um bilhete de amor ao meu Brasil.

Ó torrão capixaba! escrínio belo
revido em nostálgicas lembranças,
hei de cantar-te como um ritornelo
na pauta musical das ondas mansas...

No Moscoso, ao luar...

Ciro Vieira da Cunha

As árvores do Parque... Tão antigas
mas tão cheias de graça e de calor...
Tão bondosas de sombra e tão amigas
dos que lhes vêm, aos pés, falar de amor...

Testemunhas silentes de mil brigas
na conquista de um beijo ou de uma flor.
Suas folhas, ao vento, são cantigas
que recordam sorrisos de amargor...

Ó poetas da cidade! Vinde vê-las,
em noites de luar, romantizadas
pelo encanto dourado das estrelas...

Estas árvores guardam, comovidas,
a volúpia de bocas esmagadas
e o remorso de juras esquecidas...

Meu berço querido

Elmo Elton

Vitória, Vitória, meu berço querido,
É bem uma terra que inspira romance,
Que fala de sonhos, que é toda um jardim!
Tem lindas montanhas douradas de luz!
Tem céus de safira, que fazem sonhar!
Tem vozes cantando cantigas magoadas
No cais de seu porto, que é porto de fadas!

Vitória, Vitória, meu berço querido,
É a terra enfeitada de rosa e jasmim!
Tem noites de lua, de brancos luars,
Que fazem a gente chorar de ternura!
Tem praias bonitas vestidas de sol,
Que guardam, nos búzios, histórias de amores
De seus marinheiros, de seus pescadores!

Vitória, Vitória, meu berço querido,
É a terra mais santa que existe no mundo!
Seus filhos são todos devotos cristãos,
Que trazem nos lábios o nome de Deus,
Que rezam com os sinos de suas igrejas!
Que pedem favores a Nossa Senhora,
Que, longe, da Penha, contempla a cidade,
Que dela recebe lições de bondade!

Vitória, Vitória, meu berço querido,
É mesmo uma terra de infundos encantos,
Que tem o "Moscoso" com seus namorados...
Que tem o "Penedo" na entrada da barra...
Que tem o "Rosário" e "Santa Luzia"...
Que tem "São Francisco" _ que nem um velhinho, _
Guardando em seus tetos as aves sem ninho!

Vitória, Vitória, meu berço querido,
É a terra adorada também de meus pais!
Que esconde na sombra de seus coqueirais
As mágoas marinhas de suas gaivotas!
Que tem seus barqueiros, _ uns homens de ferro, _
Falando em conquistas, contando proezas,
Que estas são todas as suas riquezas!

Vitória, Vitória, meu berço querido,
É a terra bendita de minha emoção!
É a terra encantada que lê os meus versos,
Que guarda estes cantos de minha viola,
Que guarda a saudade de meu coração!

Vitória

Paulo Freitas

Cidade de Vitória, tu és linda...
O teu perfil é belo, encantador,
refletindo nas águas e nos olhos
deslumbrados, em sonhos de um pintor.
Pelas manhãs de sol, em tuas ruas,
há vibrações imensas de alegria
e, em tuas noites brancas, estreladas,
nos teus jardins festivos, entre flores,
tão suaves recantos de poesia...
Em teu louvor, hei de cantar um hino,
Vitória dos meus barcos de papel,
Vitória dos meus sonhos de menino!

Ilha sagrada onde a beleza habita;
lágrimas vão nascendo nos meus olhos,
quando, sorrindo, o meu olhar de fita...
Ilha lembrando as ilhas das Golcondas,
Ao longe, muito ao longe, sob o azul,
O Convento da Penha onde se escuta
Ave-Maria, no cantar das ondas...

Procissão de São Benedito

Roberto Almada

A imagem de São Benedito é venerada na Igreja de Nossa
Senhora do Rosário dos Homens Pretos
porque até o ano da graça de mil setecentos e oitenta e três
os senhores brancos que dominavam a ilha colonial
saíam em cortejo da cidade alta até os arredores do cais.
E porque eram brancos
ah, porque eram brancos
não permitiam que os negros se juntassem à marcha com os
seus passos tristes
e as suas mãos negras tocassem com respeito o santo negro
irmão venerado entre tantos.

E não puxavam cânticos
e não conduziam o andor
e não lhe beijavam o manto
e não diziam "valei-me São Benedito
para todo o sempre louvado".

Acode, ele está na igreja dos brancos.
Tira ele, tira ele.
São Benedito me proteja, ele está na igreja dos brancos.
Tira ele, tira ele.

Foi então que uma multidão de grandes mãos tristes e
negras
tristes e
negras
uma multidão de grandes mãos tristes e negras
tomou de assalto a igreja de São Benedito e conduziu a imagem
para o Rosário
onde até hoje lá está para sempre
onde até hoje lá está para sempre
onde até hoje lá está para sempre.

Cidade de Vitória

Solimar de Oliveira

Vitória! Quem de ti se aproximou um dia,
Teu povo conheceu, tua paisagem linda,
Ao te deixar levou, na alma triste e sombria,
No coração, silente, uma saudade infinda...

E um sonho amigo o encanta a recordar-te ainda;
Pois quem amou, viveu tua estuante alegria,
Tua vida encontrou na glória que não finda,
Teu progresso escutou na onda do mar bravia...

Quem sorveu no teu seio o entusiasmo das vidas,
É em tuas forjas sentiu o trabalho gigante,
E tuas palmas amou, verdes, ao céu erguidas;

Quem te conhece, assim, terra boa e formosa,
Nunca te esquecerá, lembrando, a cada instante,
No coração saudoso, a tua alma esplendorosa!

Chapter 10

Chapter 10

The first step in the process of the project is to identify the problem. This is done by the project manager and the team. The next step is to develop a plan of action. This is done by the project manager and the team. The third step is to implement the plan. This is done by the project manager and the team. The fourth step is to evaluate the results. This is done by the project manager and the team.

The first step in the process of the project is to identify the problem. This is done by the project manager and the team. The next step is to develop a plan of action. This is done by the project manager and the team. The third step is to implement the plan. This is done by the project manager and the team. The fourth step is to evaluate the results. This is done by the project manager and the team.

The first step in the process of the project is to identify the problem. This is done by the project manager and the team. The next step is to develop a plan of action. This is done by the project manager and the team. The third step is to implement the plan. This is done by the project manager and the team. The fourth step is to evaluate the results. This is done by the project manager and the team.

The first step in the process of the project is to identify the problem. This is done by the project manager and the team. The next step is to develop a plan of action. This is done by the project manager and the team. The third step is to implement the plan. This is done by the project manager and the team. The fourth step is to evaluate the results. This is done by the project manager and the team.

Eu vim me despedir

Virgínia Tamanini

Daqui olhando o espaço e a costa em fora,
É tão maravilhoso o que diviso.
Que creio ser assim o Paraíso,
Nem posso de outra forma o imaginar!

Por isso penso que Nossa Senhora,
Fugindo ao sopé, quis de improviso
Aparecer aqui, deixando o aviso
Da sua escolha para vir morar.

Sobre esta penha, sinto pensamento
Arrebatado pela voz do vento,
E meus sentidos já não são mais meus.

Ao pé da rocha, se distende o mar...
Meus olhos descem para contemplar,
Minha'alma sobe, para estar com Deus.